

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

RAFAEL DOS SANTOS MARTINS

**HUMOR E COMÉDIA COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE FILOSOFIA:
UM ESTUDO DE CASO**

São Borja

2024

RAFAEL DOS SANTOS MARTINS

**HUMOR E COMÉDIA COMO METODOLOGIA NO ENSINO DE FILOSOFIA:
UM ESTUDO DE CASO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de licenciatura em Ciências Humanas..

Orientador: Prof. Dr. Gerson de Lima Oliveira

São Borja

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M386h Martins, Rafael

Humor e comédia como metodologia no ensino de filosofia: um estudo de caso / Rafael Martins. 73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) - Universidade Federal do Pampa, CIÊNCIAS HUMANAS, 2024.

"Orientação: Gerson Oliveira".

1. Humor e comédia. 2. Ensino de filosofia. 3. Experimentação. 4. Observação participante. 5. Diário de campo. I. Título.

RAFAEL DOS SANTOS MARTINS

HUMOR E COMÉDIA COMO METODOLOGIA NO ENSINO DA FILOSOFIA: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gerson de Lima Oliveira

Orientador
UNIPAMPA

Profª. Dra. Nola Patricia Gamalho

UNIPAMPA

Prof. Dr. Muriel Pinto

UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **GERSON DE LIMA OLIVEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/12/2024, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MURIEL PINTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 04/12/2024, às 17:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **NOLA PATRICIA GAMALHO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/12/2024, às 11:46, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1615877** e o código CRC **CBB259AA**.

Dedico este trabalho às mulheres da minha vida. Que me deram a vida no passado. Que dão a vida por mim no presente. E que são a minha vida no futuro.

AGRADECIMENTO

Nestes seis anos que se passaram, tive a sorte de ter muitas pessoas as quais eu pude contar e que merecem ser agradecidas. Entre tantas, tenho que agradecer, primeiramente, à minha avó Ivone dos Santos, ou Ivone Pereira, que sempre cuidou de mim, me deu muito amor e carinho e sempre teve o sonho de ser professora, o qual não teve a chance de realizar, pois a vida é bandida.

Agradeço muito à minha mãe, Maria de Fátima dos Santos, a qual também sempre me encheu de amor e carinho e sempre travou batalhas para eu ter as chances que ela não teve, pois, assim como minha vó, ela também queria ser professora e novamente a vida foi bandida.

Também agradeço muito à Leticia Godoi Oliveira da Silva, que nestes seis anos sempre esteve do meu lado, sempre se preocupou e teve o cuidado de não deixar que a vida fosse bandida comigo. As derrotas e vitórias, as lágrimas e risadas que dividimos neste período, não podem ser descritas neste mero texto.

Agradeço ao meu pai, Mauro Elias Moura Martins, o qual sempre esteve presente, me deu amor e carinho, e me ensinou lições valiosas, as quais não se pode pagar para aprender. Uma de suas frases, “Não existe almoço grátis”, a qual penso muito, me faz lembrar que eu tenho um valor e que devo reconhecê-lo.

Agradeço imensamente aos meus irmãos de curso, Lucas Ribas Liscano, Julliana Rodrigues Nilson e Maria Godoi, os quais estiveram ao meu lado a todo instante e sempre prontos para ajudar, independente do problema. Seja em um trabalho do curso, uma ajuda em mudar os móveis, uma palavra carinhosa e até mesmo um *pix*, caso fosse necessário.

Agradeço também aos meus irmãos Natan Martins Velasque, Lucas Martins Velasque, Vito Laurence Snovarski (JB) e Vinicius Gumisson Motta, que sempre estiveram dispostos a ajudar em todos os momentos e os quais me vêm à mente quando penso em *Grove Street*.

Também agradeço à Geneci Godoi Oliveira da Silva e Adriano Oliveira da Silva. Minha segunda família.

Eu agradeço à Carlos Alberto Moura Martins (Bibito), Marta Moura e todo o pessoal da Servipasso.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao professor Gerson de Lima Oliveira, que me orientou neste trabalho e sempre respondeu todas as minhas dúvidas, mesmo que muitas fossem bobas.

Meu obrigado a todos.

“O poder, qualquer poder, teme, mais do que tudo, o riso, o sorriso, a troça, a gargalhada. Pois a risada denota senso crítico, fantasia, inteligência, distanciamento de todo e qualquer fanatismo. Na escala da evolução humana, temos, inicialmente, o *homo faber*, em seguida o *homo sapiens*, e finalmente, sem dúvida o *homo ridens*.”

Dario Fo

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal promover o debate e a reflexão acerca do impacto do humor e da comédia no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no contexto da sala de aula. A investigação se concentra na aplicação dessas estratégias metodológicas no ensino de Filosofia, utilizando-as como ferramentas experimentais para fomentar o engajamento e a compreensão dos conteúdos por parte dos estudantes. Para isso, adota-se uma abordagem que combina experimentação, observação participante e registros em diários de campo. O estudo de caso consiste em um experimento envolvendo duas turmas distintas: uma delas será exposta à metodologia baseada no humor e na comédia, enquanto a outra atuará como grupo de controle, sem a utilização desses recursos. A comparação entre os resultados obtidos pelas duas turmas busca avaliar o impacto real da abordagem humorística, fornecendo dados para discutir sua relevância pedagógica e os efeitos concretos dessa metodologia no contexto educacional, procurando contribuir para a compreensão da eficácia e do papel transformador do humor e da comédia no ensino.

Palavras-Chave: Humor; comédia; ensino-aprendizagem; metodologia; experimentação.

ABSTRACT

This study aims to promote debate and reflection on the impact of humor and comedy in the teaching-learning process, particularly within the classroom context. The investigation focuses on the application of these methodological strategies in Philosophy education, using them as experimental tools to foster student engagement and content comprehension. To achieve this, an approach combining experimentation, participant observation, and field journal records is adopted. The case study involves an experiment with two distinct groups: one will be exposed to the methodology based on humor and comedy, while the other will serve as a control group, without the use of these resources. The comparison between the results obtained from the two groups seeks to evaluate the real impact of the humorous approach, providing data to discuss its pedagogical relevance and the tangible effects of this methodology in the educational context. Ultimately, the study aims to contribute to the understanding of the effectiveness and transformative role of humor and comedy in teaching.

Keywords: Humor; Comedy; Teaching-Learning; Methodology; Experimentation.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Disposição da sala de aula..... | 22 |
| Figura 2 - Organização das classes pelos alunos..... | 23 |
| Figura 3 - Grupos formados pelos alunos..... | 24 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 CONCEITOS..... | 14 |
| 2.1 Conceito de humor..... | 14 |
| 2.2 Conceito de comédia..... | 15 |
| 2.3 O riso e o cômico..... | 17 |
| 3 METODOLOGIA..... | 19 |
| 4 APRESENTAÇÃO DAS TURMAS..... | 26 |
| 4.1 Apresentação da turma 101..... | 26 |
| 4.2 Apresentação da turma 203..... | 28 |
| 5 UTILIZAÇÃO DO HUMOR E DA COMÉDIA EM SALA DE AULA..... | 30 |
| 6 DIÁRIOS DE CAMPO..... | 32 |
| 6.1 Diário de campo da turma 101..... | 32 |
| 6.1.1 Aula 1: 25/10/2023 - Regência de filosofia turma 101..... | 32 |
| 6.1.2 Aula 2: 01/11/2023 - Regência de filosofia turma 101..... | 35 |
| 6.1.3 Aula 3: 08/11/2023 - Regência de filosofia turma 101..... | 36 |
| 6.1.4 Aula 4: 22/11/2023 - Regência de filosofia turma 101..... | 37 |
| 6.2 Diário de campo da turma 203..... | 39 |
| 6.2.1 Aula 1: 17/05/2023 - Regência de Sociologia..... | 39 |
| 6.2.2 Aula 2: 24/05/2023 - Regência de Sociologia..... | 41 |
| 6.2.3 Aula 3: 31/05/2023 - Regência de Sociologia..... | 42 |
| 6.2.4 Aula 4: 07/05/2023 - Regência de Sociologia..... | 42 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 44 |
| REFERÊNCIAS..... | 46 |
| APÊNDICES..... | 48 |

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época em que a velocidade da informação está em constante aumento, impulsionada especialmente pela *Internet* e, principalmente, pelo uso massivo de celulares, presentes na rotina dos alunos. Nesse cenário, o professor enfrenta o desafio de competir pela atenção dos estudantes com aplicativos de vídeos curtos, como *TikTok* e *Reels*. Esses vídeos, que geralmente possuem poucos segundos de duração, capturam o interesse do público de maneira rápida e passageira.

O tema deste trabalho foi escolhido com base na observação da dificuldade enfrentada pelos professores em manter a atenção dos alunos durante uma aula de cinquenta minutos a uma hora – o tempo médio de um período escolar. Isso demanda metodologias e abordagens específicas que tornem o conteúdo mais atrativo e facilitem o aprendizado.

Considerando que algumas redes sociais são utilizadas por criadores de conteúdo para fins educativos ou para compartilhar curiosidades, nota-se que esses vídeos muitas vezes carecem de fontes confiáveis, resultando em informações incompletas ou incorretas. Observando o formato desses conteúdos, percebe-se que são geralmente curtos, com duração de no máximo cinco minutos, e apresentados de maneira descontraída, utilizando humor e comédia para engajar o público.

A investigação deste problema se justifica pela relevância social de que normalmente alunos de escolas públicas, em especial de bairros mais carentes, têm uma baixa autoestima. Esse cenário é confirmado por Mendes, Castelano, Martins e Andrade (2017), que, ao utilizarem questionários e a escala de Rosenberg (1979) em escolas públicas e privadas, concluíram: “Pela escala de Rosenberg, entendemos que houve diferença estatística significativa de autoimagem e autoconceito ao se comparar alunos de instituições públicas e privadas” (Mendes, Castelano, Martins, Andrade, 2017, p. 20). Assim, a utilização do humor e comédia como recursos metodológicos podem servir de base para uma aproximação com o conteúdo, com o professor e com a escola.

Para que o objetivo geral seja alcançado, foi necessário uma observação da escola e do meio a qual se encontra, para entender melhor a realidade dos alunos dela. Também foi muito importante observar e analisar a turma 101, para assim poder entender a relação entre eles, o formato da turma, qual tipo de humor melhor se encaixaria com eles e, também, objetos, características e interesses que eles têm em comum para que possam ser utilizados de forma cômica.

Esta pesquisa foi desenvolvida durante o estágio obrigatório, no qual eu, como discente da Unipampa, ministrei aulas nas turmas 101 e 203, citadas neste trabalho. Durante esse período, foram realizadas observações nas referidas turmas e, posteriormente, a regência nelas como professor. Na turma 101, foi realizada a experimentação do humor e da comédia como metodologia no ensino de filosofia, enquanto as aulas da turma 203, de sociologia, serviram como grupo de controle para estabelecer um referencial. Para analisar as duas turmas, foi utilizado o diário de campo.

A pesquisa aconteceu na Escola Estadual Técnica Olavo Bilac, situada no Bairro do Passo em São Borja. A qual possui uma rica história, tendo sido fundada em 1921 como Grupo Escolar. O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, com 70 páginas, foi atualizado pela última vez em 2017, com a primeira edição datada de 2000. Em 1985, a escola começou a oferecer o 2º grau e mantém um Curso Técnico em Contabilidade até hoje.

Atualmente, a E.E.T. Olavo Bilac atende cerca de 871 alunos em diversas modalidades: o Ensino Básico do 1º ao 9º ano pela manhã e à tarde, EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Ensino Técnico em Contabilidade à noite. Localizada em uma das áreas mais populosas da cidade, a escola atrai alunos de diferentes bairros e localidades, incluindo aqueles que residem fora de São Borja. Isso ocorre, em parte, porque a E.E.T. Olavo Bilac é a opção mais próxima para estudantes que desejam cursar o Ensino Médio, especialmente em comparação com outras instituições da região. A escola enfrenta desafios significativos em relação à evasão e repetência, reconhecendo que esses problemas transcendem a esfera pedagógica e são influenciados por fatores sociais, psicológicos, econômicos, culturais e familiares. A presença de alunos de diversas localidades ressalta a importância da instituição como um espaço de inclusão e oportunidades educacionais na comunidade.

Neste estudo de caso será dialogado como o professor pode utilizar o humor e a comédia durante as aulas, integrando-os ao conteúdo para facilitar o entendimento por parte dos alunos. Além disso, será analisado o efeito do humor e da comédia na relação entre aluno, professor e matéria. Assim, esta pesquisa propõe explorar o impacto do humor e da comédia no processo de ensino-aprendizagem, investigando como essas ferramentas podem contribuir para a construção de um espaço mais acolhedor, capaz de promover o desenvolvimento cognitivo, a criatividade e a motivação dos estudantes. Esse impacto será analisado por meio de indicadores como o riso dos alunos, sua participação nas aulas e a qualidade dessa participação, considerando se ela se relaciona diretamente com o conteúdo abordado ou acrescenta novos pontos relevantes. Além disso, será avaliado se os alunos conseguiram compreender o conteúdo apresentado.

2 CONCEITOS

Os conceitos de humor e comédia são amplamente utilizados na sociedade para gerar entretenimento, reflexão e até crítica social, desempenhando papéis significativos na comunicação humana ao longo da história. Embora frequentemente tratados como sinônimos, humor e comédia possuem diferenças sutis que os definem e delimitam.

Na contemporaneidade, tanto o humor quanto a comédia transcenderam suas funções tradicionais para se tornarem ferramentas metodológicas no ensino. Sendo assim, no campo da educação, explorar diferentes formas de engajamento dos alunos é uma tarefa constante. Dentre as várias estratégias possíveis, o humor e a comédia surgem como abordagens que, embora frequentemente associadas ao entretenimento, possuem um potencial significativo no processo de ensino-aprendizagem. Para entender como esses elementos podem ser integrados ao ambiente educacional, é essencial revisitar suas origens e acompanhar sua trajetória até a contemporaneidade.

2.1 Conceito de humor

O humor possui uma história rica e multifacetada, sendo abordado desde a Antiguidade como uma forma de expressão ligada ao temperamento humano. Com o passar dos séculos, seu papel na cultura e na sociedade se expandiu, ganhando destaque na literatura, nas artes e, mais recentemente, em diversas formas de comunicação. O humor evoluiu e passou a ser utilizado de diferentes maneiras, desde a sátira e a paródia até o humor mais sutil e refinado, presente em diversas mídias.

A palavra "humor" tem suas raízes no latim, onde "humor" significa "líquido". Inicialmente, o termo estava associado às substâncias orgânicas líquidas ou semilíquidas dentro do corpo, que, segundo a fisiologia antiga, influenciavam o temperamento e a saúde. Como aponta Zilles (2003)

Na fisiologia, equivale à substância orgânica líquida ou semilíquida. Na anatomia, fala-se do humor aquoso, por exemplo, produzido no olho. Na linguagem corrente, usamos o termo para indicar uma disposição do espírito (Zilles, 2003, p.83).

Dessa forma, o conceito de humor evoluiu para refletir o estado emocional e mental das pessoas, ainda que mantendo suas origens ligadas aos fluidos corporais. O humor pode ser definido como uma qualidade perceptiva que leva ao riso ou a um estado de espírito leve e agradável. Ele envolve a capacidade de perceber e expressar situações ou pensamentos de maneira que provoquem uma reação emocional positiva. Segundo Freud (1928), o humor é “o mais elevado grau de sofisticação do ser humano, a manifestação mais sofisticada do espírito humano”.

No sentido de que o humor é o modo como o ser se manifesta com as outras pessoas e a imagem que tenta passar para uma melhor convivência e facilitação. Ou seja, o humor vai além de um estado de espírito, referindo-se também a como se quer tratar o outro. Nesse sentido, Zilles (2003) aponta que o humor “é próprio do povo. É uma atividade que deixa o próprio eu em segundo plano e age diretamente para o outro.” (Zilles, 2003, p.87)

2.2 Conceito de comédia

A comédia tem suas raízes na Grécia Antiga, onde surgiu como um gênero teatral destinado a provocar riso e reflexões leves através de situações absurdas ou ridículas. Atravessando os tempos, a comédia foi se transformando e adaptando-se às diferentes culturas e contextos históricos. No período renascentista, ela se consolidou como um gênero literário e dramático, sendo explorada por grandes autores e servindo como veículo para críticas sociais. Na era moderna, a comédia encontrou novos espaços e formas de expressão, tornando-se parte integrante da cultura popular e dos meios de comunicação.

A comédia é uma forma de expressão artística e cultural que, ao longo dos séculos, tem desempenhado um papel crucial na sociedade. Desde suas origens na Grécia Antiga, ainda que “[...] a história da comédia nos escapa por esta não ter recebido, no princípio, muita atenção” (Aristóteles, 1990¹, p.46). Assim, a comédia era inicialmente vista como um gênero menor em comparação à tragédia, o que resultou em uma documentação menos extensa de sua evolução e impacto cultural

¹A obra de Aristóteles utilizada nesta pesquisa foi originalmente escrita na Antiguidade. No entanto, a edição consultada corresponde a uma publicação de 1990, que apresenta o texto traduzido.

A palavra "comédia" tem suas raízes na Grécia Antiga. Deriva do termo grego "*komoidía*", que é uma combinação de "*kōmos*", que significa "festa" ou "procissão festiva", e "*ōidē*", que significa "canção" ou "poema". Originalmente, as comédias gregas eram apresentações teatrais que celebravam a fertilidade e o ciclo agrícola, e frequentemente incorporavam elementos de sátira social e política.

Aristóteles, em sua obra *Poética* (1990), define a comédia, junto com outros gêneros poéticos, como uma forma de imitação (*mimesis*). Ele coloca a comédia ao lado da tragédia, epopeia, e outras formas artísticas, afirmando que todas compartilham essa característica essencial. Conforme Aristóteles, "a epopeia e a tragédia, bem como a comédia e a poesia ditirâmbica e ainda a maior parte da música de flauta e de cítara são todas, vistas em conjunto, imitações" (Aristóteles, 1990, p.37).

Um dos aspectos centrais da comédia, é a imitação do ridículo. Aristóteles define o ridículo como um defeito menor, que é risível, mas não causa dor ou destruição.

A comédia é, como dissemos, uma imitação de caracteres inferiores, não contudo em toda a sua vileza, mas apenas na parte do vício que é ridícula. O ridículo é um defeito e uma deformação nem dolorosa nem destruidora, tal como, por exemplo, a máscara cômica é feia e deformada mas não exprime dor (Aristóteles, 1990, p.45,46).

Essa definição aristotélica sublinha a ideia de que a comédia, ao contrário da tragédia, tem um caráter leve e visa provocar riso, sem causar dano, promovendo o riso em vez de sentimentos trágicos.

Aristóteles também traça uma linha clara entre a tragédia e a comédia, com base na natureza dos personagens representados em cada gênero. Ele observa que a tragédia imita homens superiores, enquanto a comédia se concentra nos inferiores, destacando suas falhas e defeitos de maneira ridícula. Dessa forma, "a tragédia se distingue da comédia neste aspecto: esta quer representar os homens inferiores, aquela superiores aos da realidade" (Aristóteles, 1990, p.40).

Essa distinção é fundamental para compreender a função social e moral de cada gênero na antiga Grécia, onde a tragédia buscava inspirar temor e compaixão, enquanto a comédia utilizava o riso para expor e corrigir os vícios humanos.

Na contemporaneidade, a comédia se tornou algo mais complexo em virtude de que as sociedades se tornaram mais complexas. Ainda assim notamos que a mesma gira em torno da sociedade e de seus indivíduos e de acontecimentos tanto

inusitados quanto triviais. Podemos dizer que a estrutura da comédia, que é a sociedade e seus indivíduos continua sendo a mesma, porém a sociedade em si foi o que mudou. Nesse sentido, Soares (2013) destaca que “rimos para estabelecer os elementos vivos que compõem a própria sociedade. A essência do risível encontra respostas na sociedade e não na natureza humana.” (Soares, 2013, p. 482)

2.3 O riso e o cômico

O riso e o cômico são tipos de emoção que apenas o humano pode produzir para outros humanos e que mesmo a risada sendo provocada por um animal ou por um objeto inanimado, isso estaria intrinsecamente ligado por alguma semelhança ao humano, pela característica que o humano imprime no objeto ou até mesmo pelo jeito que o mesmo é utilizado pela pessoa (Bergson, 1983, n.p). Assim, é possível notar que o cômico, o causador do riso, são pequenas causas características do ser humano e de sua natureza. Ainda que podendo rir de um objeto, como por exemplo uma meia, deve existir algo de natureza humana e que se conecte com o ser humano. Nesse caso, seja ela parecer com um rosto zangado, o que a torna cômica ou até mesmo o odor após serem usadas, o que remete muito a algo comum nos seres humanos.

O riso está ligado à insensibilidade e à indiferença emocional em relação ao objeto da piada (Bergson, 1983, n.p). Além disso, o riso pode surgir de pessoas e situações que nos inspiram piedade. O drama e a comédia são semelhantes; para que uma se torne a outra, basta uma mudança de tom na apresentação ou uma perspectiva diferente ao observar. Contudo, ao adotar essa visão do cômico, o professor que deseja utilizar a comédia como metodologia de ensino deve agir com grande cautela, pois tem a responsabilidade de saber o que pode ou não ser abordado de forma humorística, levando em consideração o que é sensível para a escola, os alunos da sala de aula e também para os próprios alunos enquanto indivíduos. O motor inicial da graça ou da piada nunca deve ser o aluno, mas sim o conteúdo. Afinal, a comédia serve como metodologia para educar, e a sala de aula não deve ser tratada como um clube de comédia, onde a única intenção é se fazer rir.

O riso ocorre dentro de um contexto que precisamos entender para apreciar o aspecto cômico da situação. Bergson (1983) argumenta que podemos ouvir alguém contar uma história no ônibus, na rua ou em um bar e todas as pessoas que estão

juntas irão rir, enquanto não haverá graça para as outras pessoas ali presente, pois elas não fazem parte do grupo. Ou seja, para o cômico se tornar cômico e ter graça, a pessoa que ouve a piada tem que ter conhecimento prévio sobre o assunto em questão. Relacionando isso à comédia como metodologia de ensino, um aluno só irá rir ou compreender a piada sobre o conteúdo se tiver entendido o próprio conteúdo, o que lhe permitirá captar o contexto da piada.

Dessa forma, a comédia, a piada, o riso, são uma ação social, onde só serão compreendidas por uma pessoa se fizer parte de sua vivência, experiência ou do que é considerado comum para ela, pois “para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobretudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social” (Bergson, 1983, n.p).

3 METODOLOGIA

O estudo de caso surge da necessidade de observar e explorar como a metodologia do humor e da comédia funciona em casos específicos, ao mesmo tempo em que busca responder a uma questão mais ampla do que as duas turmas analisadas neste trabalho. Esse tipo de estudo permite observar os resultados dentro de um contexto, procurando obter informações mais detalhadas. Nesse sentido, Ventura (2007) *apud* Ludke e André (1986), apontam que

o estudo de caso como estratégia de pesquisa é o estudo de um caso, simples e específico ou complexo e abstrato e deve ser sempre bem delimitado. Pode ser semelhante a outros, mas é também distinto, pois tem um interesse próprio, único, particular e representa um potencial na educação. Destacam em seus estudos as características de casos naturalísticos, ricos em dados descritivos, com um plano aberto e flexível que focaliza a realidade de modo complexo e contextualizado (Ventura, 2007 *apud* Ludke; André, 1986, p.384).

Tendo em vista que o uso do humor e da comédia no contexto escolar, principalmente dentro da sala de aula, como metodologia de ensino, é algo relativamente novo ou não estudado e explorado, especialmente quando conectado com o pensamento da velocidade das redes sociais e suas problemáticas, o estudo de caso se vê de extrema relevância.

São úteis também na exploração de novos processos ou comportamentos, novas descobertas, porque têm a importante função de gerar hipóteses e construir teorias. Ou ainda, pelo fato de explorar casos atípicos ou extremos para melhor compreender os processos típicos (Ventura, 2007, p.386).

O diário de campo também é uma ferramenta essencial neste trabalho, pois, ao abordarmos o humor e a comédia dentro da sala de aula, é fundamental compreender o que esses conceitos significam para os alunos e como se conectam com suas vivências. Para que a execução seja a mais eficaz possível, é necessário registrar tudo o que pode ser observado, e não apenas o conteúdo que os alunos estão estudando ou que será abordado. Assim, Spink (2003), salienta que:

Os diários compreendem registros não somente de procedimentos técnicos, mas também conversas que acontecem em filas de ônibus, no balcão da padaria, nos corredores das universidades; outras são mediadas por jornais, revistas, rádio e televisão (Spink, 2003, p. 29).

A comédia, relacionada ao ato de entender a piada, e o riso estão atrelados ao conhecimento prévio sobre o assunto que serve de base para a graça. Nesse contexto, o diário de campo se torna essencial para entendermos como os indivíduos foram observados, qual foi sua reação ao tema apresentado e se houve efeito. Assim, o diário também se configura como uma ferramenta para aprofundar novas perspectivas e observações.

A escrita do diário de campo pode fazer parte do processo de imersão no campo-tema da pesquisa, não apenas configurar seu registro. Na relação com o campo-tema, a emergência de afetos aponta relevâncias, produz distinções que se destacam em um fundo como experiências a serem narradas. A escrita destas experiências pode produzir reflexões que levam ao surgimento de novos afetos, os quais disparam novas análises (Kroeff; Gavillon, Ramm, 2020, p. 469-470).

A experimentação também está presente neste trabalho e se justifica, pois permite a verificação de hipóteses, o desenvolvimento de novas soluções e uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos estudados. Por meio da experimentação, é possível coletar dados concretos que ajudam a validar teorias e identificar relações de causa e efeito. Além disso, a prática experimental promove a inovação, ao possibilitar a exploração de abordagens criativas e a aplicação de conhecimentos teóricos em situações reais, o que contribui para o avanço do conhecimento e para a resolução de problemas.

Bacon (1989), distingue duas abordagens fundamentais para a investigação da verdade: uma, que se caracteriza por saltos diretos das sensações e observações particulares para princípios gerais, partindo destes para deduzir verdades intermediárias; e outra, que avança gradualmente, baseando-se na observação dos sentidos e dos dados particulares, subindo em etapas até alcançar os princípios mais gerais. Segundo Bacon (1989), embora o primeiro método tenha prevalecido historicamente, é o segundo, uma ascensão contínua a partir dos dados sensoriais, que representa o verdadeiro caminho da descoberta científica. (Bacon, 1989, p. 16).

A técnica da observação é um procedimento metodológico fundamental em pesquisas de cunho teórico-empírico, particularmente naquelas que envolvem pesquisa de campo. Esse método faz uso dos sentidos para capturar aspectos específicos da realidade, permitindo ao pesquisador coletar dados diretamente do ambiente estudado. De acordo com Santos (2007), "a técnica da observação é um

procedimento metodológico, utilizado em pesquisa de cunho teórico-empírico (pesquisa de campo), que faz uso dos sentidos para obtenção de determinados aspectos da realidade". Complementando essa visão, Lakatos (2003) conceitua que

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar (Lakatos, 2003).

Nesse sentido, a pesquisa de campo foca no estudo de indivíduos, grupos, comunidades e instituições, com o objetivo de compreender diversos aspectos da sociedade (Lakatos, 2003).

Em relação à observação participante, Santos (2007) pontua:

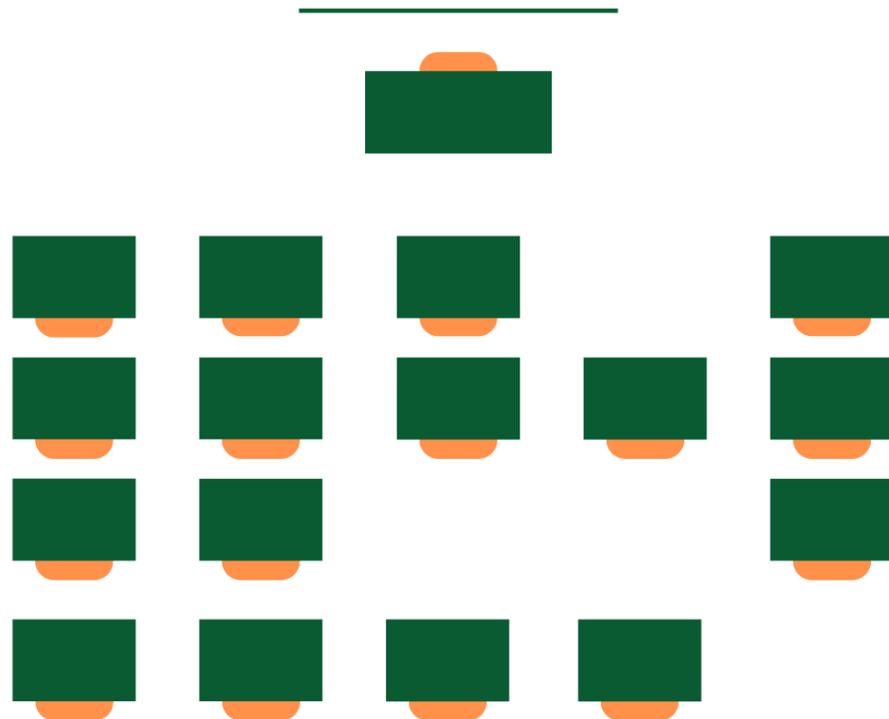
Há duas formas de se observar: de maneira aberta, quando o pesquisador tem permissão para observar, entrevistar e participar no ambiente de trabalho de estudo. Por exemplo, quando o pesquisador observa o desempenho do professor em sala de aula. Já na observação participante encoberta, o pesquisador se emprega na empresa ou se infiltra na comunidade não sendo do conhecimento de ninguém. Neste caso, aparentemente ele é um funcionário comum que tem inclusive de aprender a executar o serviço. Só que na realidade, além do trabalho, ele estará observando, participando, conversando e interpretando os acontecimentos (Santos, 2007).

De acordo com Lakatos e Marconi (2001) *apud* Mann (1970), a observação participante é uma "tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tomando o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles" (1970, p. 96 *apud* Lakatos; Marconi, 2001, p. 194). Desse modo, ao se tornar um membro ativo do grupo, o pesquisador tem a oportunidade de vivenciar diretamente as experiências e perspectivas dos participantes, o que permite uma compreensão mais rica e autêntica dos fenômenos em estudo.

As observações começaram no dia 27 de setembro de 2023 na turma 101 e seguiu-se por quatro períodos de cinquenta minutos até a data 18 de outubro de 2023, tendo em vista que todas as aulas de filosofia com a turma eram nas quartas-feiras e apenas um período semanal, o que, de certa forma, dificultou a continuidade da observação.

Inicialmente foi observado a forma em que a sala de aula, os alunos, e as classes estavam dispostas e como as mesmas poderiam influenciar na dinâmica da sala de aula, da cultura da sala e na socialização dos alunos.

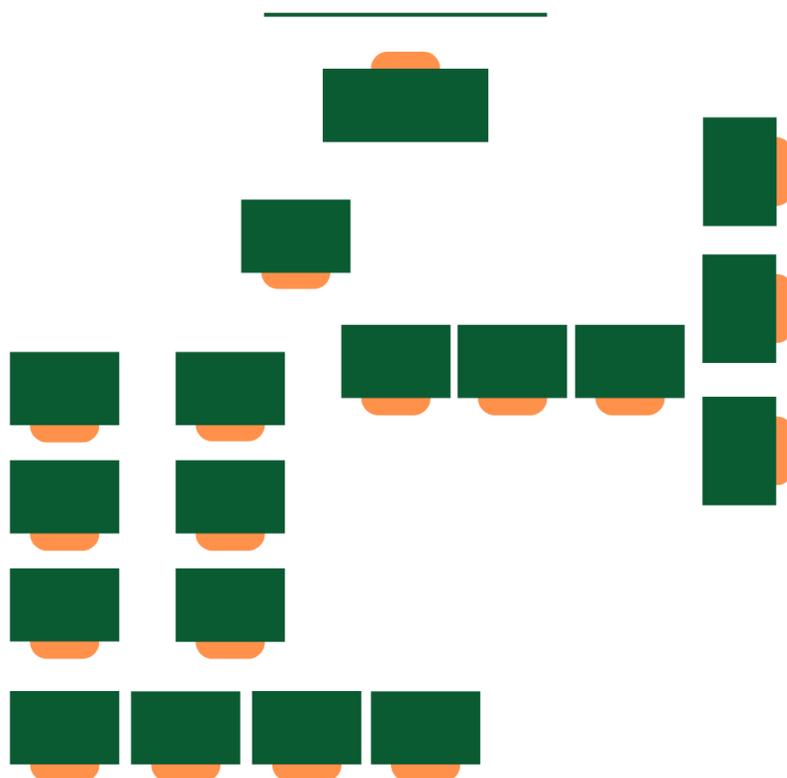
Figura 1 - Disposição da sala de aula



Fonte: Elaboração do autor

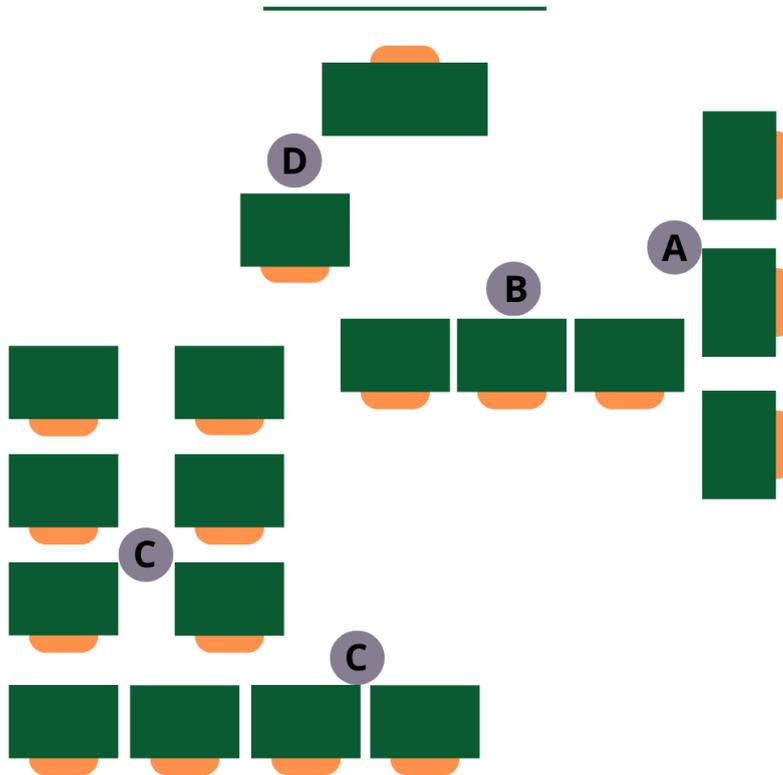
A disposição das carteiras em sala de aula pode influenciar significativamente as interações entre alunos e professores, dependendo de como elas são organizadas. Por exemplo, ao adotar um arranjo em círculo ou em forma de U, em vez de uma configuração tradicional em fileiras, cria-se um ambiente que promove maior contato visual entre os estudantes e o professor, incentivando a comunicação direta (SZTEJNBERG; FINCH, 2006). Além disso, esse tipo de arranjo não linear facilita o acesso dos alunos aos recursos de aprendizado e ao professor, proporcionando um ambiente mais interativo e dinâmico (WANNARKA; RUHL, 2008).

Figura 2 - Organização das classes pelos alunos



Fonte: Elaboração do autor

Figura 3 - Grupos formados pelos alunos



Fonte: Elaboração do autor

Dentro da sala de aula foi possível notar a formação de grupos entre os alunos, formados de acordo com quem os alunos sentam próximos e afinidade. Ainda que, integrantes dos grupos interajam com alunos de outros grupos. Nesse sentido, Ávila (2016) destaca que

o indivíduo não existe por si mesmo ou em si mesmo. O indivíduo existe por sua necessária e obrigatória participação nos grupos. É com os recursos e os atributos da grupalidade que cada indivíduo vem a se constituir enquanto indivíduo. É no e para o grupo que o indivíduo se torna o que é (Ávila, 2016, p. 28).

Assim, é no contexto grupal que cada pessoa se molda e se define, enfatizando a importância das relações sociais na formação do ser e, por consequente, da aprendizagem.

O grupo A era composto por apenas três alunos que somente conversavam entre si e com o professor. Já o grupo B se comunicava um pouco com o grupo C e também com o professor. O grupo C pode ser considerado um grande grupo, composto por uma quantidade maior de alunos, que interagiam entre si, de forma que o professor não sentiu a necessidade de dividi-los em subgrupos. Também, alguns alunos do grupo C interagem com alunos do grupo B e com o professor. Entretanto, o grupo D era formado por apenas uma aluna, a qual só interagia com o professor.

Algo que foi observado pelo professor foram os assuntos e interesses dos alunos, buscando entender e analisar em que contexto se inseriam, para, assim, poder utilizar do humor e da comédia com o que já é previamente conhecido pelos alunos. Entre os assuntos conversados pelos mesmos, alguns foram: redes sociais como *Instagram* e *Tik Tok*, animações japonesas, jogos, assuntos cotidianos, bem como outras disciplinas e trabalhos da escola.

Para uma análise futura do impacto da metodologia baseada no humor e na comédia, serão utilizados alguns indicadores específicos. Entre eles, destaca-se a participação dos alunos durante as aulas, analisando não apenas a frequência dessa participação, mas também sua qualidade, isto é, se ela está relacionada ao conteúdo trabalhado ou contribui para o desenvolvimento da aula. Outro indicador relevante será o riso, que assume um papel central, especialmente na turma 101, onde o método foi aplicado. Dessa forma, será possível observar e avaliar a relação entre o aprendizado e o riso, buscando compreender como essa interação pode influenciar o processo de ensino-aprendizagem

4 APRESENTAÇÃO DAS TURMAS

Antes do período de regência foram realizadas observações na escola e nas aulas de Filosofia e Sociologia. Neste momento, serão apresentados e analisados os dados levantados através de uma pesquisa sócio-antropológica, onde foi realizado um questionário com os alunos das turmas em observação, a turma 101, do primeiro ano do Ensino Médio, na disciplina de filosofia, e a turma 203, do segundo ano do Ensino Médio, na disciplina de sociologia, no turno matutino da Escola Estadual Técnica Olavo Bilac.

4.1 Apresentação da turma 101

O maior número de alunos registrados pelo professor foi 17, também durante a aplicação do questionário. É válido ressaltar que as chamadas na turma foram feitas pela sua respectiva professora regente, eletronicamente, por meio do celular, por alguma plataforma, a qual o estagiário não teve acesso. Assim, o estagiário não tendo acesso a chamada completa da turma, não foi possível inteirar-se de quantos alunos realmente estavam matriculados na turma.

Primeiramente, foi solicitado aos alunos que respondessem seu sexo. Os resultados da turma indicaram o total de 7 alunos do sexo masculino e 10 alunas do sexo feminino.

A segunda informação a ser solicitada no formulário da pesquisa foi a idade. Na turma foi constatado alunos de idades que variam de 15 a 17 anos. Sendo a maioria dos alunos com a idade média de 16 anos.

A próxima pergunta do questionário era com quem os alunos viviam e foi observado que a figura materna é a que mais se faz presente.

Posteriormente, foi questionado quanto às atividades (trabalho) realizadas pelos responsáveis pelos alunos. Apenas um aluno informou que nenhum de seus responsáveis realizava atividade remunerada, entretanto, devido ao modo que foi respondido, compreende-se que o pai, que seria o único que realizava alguma atividade remunerada, havia sofrido um acidente durante o exercício do trabalho e agora não havia mais ninguém realizando uma atividade remunerada. Dentre as profissões citadas, constam atividades como cozinheira, servidor de hospital, pedreiro, trabalhadora doméstica, caminhoneiro, lavoureiro e cabeleireira.

Em sequência, a pergunta feita foi “Qual a escolaridade do(s) seus responsáveis?”. Na turma observou-se um grau considerável de adultos com o Ensino Fundamental incompleto.

Na questão sobre o acesso à *Internet*, foi observado que a grande maioria dos alunos possui acesso em casa, por meio de plano fixo, que foi indicado nas opções de resposta como "banda larga", para diferenciar o tipo de rede local dos dados móveis.

Quanto à questão do acesso ao celular e a computadores ou *notebooks*, entre as duas turmas, todos possuem ao menos um *smartphone* em casa, enquanto a maioria possui mais de um, mas isto não significa que haja um para cada membro da família.

Já na questão dos computadores ou notebooks foi observado que não há uma quantidade considerável de alunos que possuam estes aparelhos, que são considerados pelo estagiário o equipamento ideal para a realização de atividades de pesquisa fora da sala de aula. Apenas 7 dos 17 alunos da turma que responderam ao questionário possuem computador ou *notebook* em casa,

Sobre o modo como os alunos se deslocam até a escola, apenas 3 responderam utilizar bicicletas para irem até a escola, enquanto os outros 14 se deslocavam até a escola a pé.

Na questão "Você tem alguma dificuldade no aprendizado? Qual?". Não foram dadas opções, a resposta dos alunos era livre. Muitos falaram ter dificuldade nas disciplinas de Matemática e Português. Na turma, vários alunos responderam que não conseguem entender o conteúdo ou alguma frase no mesmo sentido, sem dar nenhuma explicação sobre o conteúdo ou o que em específico os atrapalha.

Nas respostas sobre quais os métodos de aprendizagem que os alunos consideram que aprendem mais, textos e vídeos são as formas com as quais os alunos responderam que se sentem mais à vontade para compreender os conteúdos. Em uma conversa em especial e informal em uma das aulas, eles relataram que os professores não explicam o conteúdo e que apenas passam o mesmo no quadro.

A questão seguinte foi: "Para mim, bom professor é aquele que...". Por ser uma pergunta de resposta livre, propiciou uma grande variação de respostas, porém as que mais foram explicitadas de algum modo, mesmo que de forma ou linguagem diferentes foram: "é legal", "explica bem", "escuta o aluno", "entende o aluno".

Quando perguntados se desejam fazer algum curso técnico ou superior, a maioria dos alunos respondeu que não.

As aulas de filosofia na turma 101 foram bem dialogadas com os alunos, o que abriu oportunidades de conhecer melhor a turma. Em conversas foi observado que muitos não vivem exatamente nas redondezas da escola, mas sim em lugares mais afastados, como as vilas do bairro Passo. Um exemplo ocorreu quando um aluno se aproximou do estagiário antes da aula começar e comentou que o havia visto na casa de seu avô. Ao ser questionado sobre quem seria essa pessoa, o estagiário entendeu que o aluno se referia a um mecânico eletricista, com quem o aluno havia levado o carro para conserto. O avô do aluno mora e tem sua mecânica na "vila do cemitério", como o próprio aluno a descreveu. Se considerarmos a distância entre o local mencionado pelo aluno e a escola, podemos perceber que o público da instituição é bastante diverso, o que ocorre, em parte, pelo fato de a escola ser a mais próxima que oferece Ensino Médio para a população das vilas.

4.2 Apresentação da turma 203

Na turma 203 foi realizado o estágio na disciplina de sociologia, sendo realizada a mesma pesquisa da turma 101. A turma 203 possui o total de 24 alunos matriculados conforme relatado pela professora regente, porém o máximo de alunos presentes registrado foram 18 no dia da aplicação da pesquisa.

A primeira pergunta da pesquisa foi sobre o sexo dos alunos. Os resultados da turma 203 foram o total de 10 alunos do sexo masculino e 8 do sexo feminino.

A segunda informação a ser solicitada no formulário da pesquisa foi a idade. Na turma, foi constatado alunos de idades que variam de 15 a 18 anos. Sendo a maioria dos alunos com a idade média de 16 anos. Essa constatação é interessante, pois há um aluno de 15 anos e dois de 18 anos, o que demonstra uma grande variedade de idades na mesma turma.

A pergunta seguinte do questionário era com quem os alunos viviam e foi observado que a figura materna é a que mais se faz presente, em ambas as turmas.

Posteriormente, foi questionado quanto às atividades (trabalho) realizadas pelos responsáveis pelos alunos. Na turma 203, todos informaram que pelo menos um dos seus responsáveis praticam atividade remunerada ou são aposentados. Dentre as profissões citadas, constam atividades como eletricista, pedreiro, professor, servidor de hospital, enfermeira, agente funerário, trabalho em cooperativa/cerealista (tipo de empresa muito comum na cidade), enquanto quatro responsáveis já se encontram em aposentadoria.

Na sequência, a pergunta feita foi “Qual a escolaridade do(s) seus responsáveis?”. Foi observado, de acordo com as respostas, que a turma 203 possui maior índice de responsáveis que completaram o Ensino Médio, enquanto na turma 101 há um número considerável de adultos com o Ensino Fundamental incompleto.

Quanto ao acesso à *Internet*, foi observado que ambas as turmas apresentaram características semelhantes no tipo de conexão, com a maioria dos alunos afirmando ter acesso à conexão de banda larga.

A próxima pergunta foi sobre ter acesso a celular ou notebook. As respostas foram majoritariamente positivas para o acesso a celulares, porém, quanto a computador ou *notebook*, apenas 4 alunos, de um total de 18, responderam ter acesso. Ou seja, menos da metade da turma não possui a ferramenta adequada para realizar atividades de pesquisa ou demais atividades *online*.

Quanto ao deslocamento, na turma 203 apenas um aluno relatou o uso da bicicleta para percorrer o trajeto. Em ambas as turmas nenhum relatou o deslocamento por carro.

Na questão “Você tem alguma dificuldade no aprendizado? Qual?”. Não foram dadas opções, a resposta dos alunos era livre. Na turma 203, 7 alunos responderam não ter nenhuma dificuldade. Enquanto o restante da turma relatou não conseguir entender o conteúdo e frases similares.

Quanto à questão sobre a metodologia, as respostas foram muito parecidas com as da turma 101 ao responderem que os professores não explicam o conteúdo.

O mesmo se aplica para a questão “Para mim, bom professor é aquele que...”, com respostas similares em ambas as turmas.

Na questão sobre o desejo de fazer algum curso técnico ou superior, apenas um aluno falou que gostaria de fazer a prova para ESA (Escola de Sargentos das Armas), para se tornar militar de carreira.

Na turma 203, não foi empregado o método de humor e comédia durante as aulas e a mesma serve como grupo de controle, servindo como parâmetro o impacto da metodologia.

5 UTILIZAÇÃO DO HUMOR E DA COMÉDIA EM SALA DE AULA

A metodologia de ensino constitui o conjunto de práticas e abordagens pedagógicas que orientam o processo de ensino-aprendizagem. Ela envolve a escolha e a aplicação de estratégias didáticas que facilitam a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes pelos alunos. Ou seja, “método é caminho, é opção por um trajeto até o alcance de objetivos que se sintetizam na aprendizagem” (Rangel, 2013, p. 13).

A eficácia de uma metodologia depende de sua capacidade de atender às necessidades dos estudantes, promovendo a compreensão e a retenção dos conteúdos, bem como o desenvolvimento de competências críticas. Nesse sentido, Castanho (2011) explica que

no momento em que se fala de técnicas de ensino e de sugestões metodológicas é importante ter clareza sobre que força intrínseca a educação escolar pode exercer, em que condições históricas e sob que formas históricas pode contribuir, sem ilusão e sem abdicação, para a formação de uma sociedade capaz de intervir em sua própria história (Castanho, 2011, p. 97).

A sala de aula é o ambiente em que ocorre a troca de saberes, facilitada por metodologias que visam não apenas a transmissão de conteúdos, mas também o desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas.

Por sala de aula entende-se qualquer espaço físico onde haja interação direta entre professor-aluno e aluno-aluno (seja a sala em si, a quadra, a oficina, o laboratório, o atelier, etc.). [...] onde o professor tem sua prática, seleciona conteúdos, passa posições políticas, ideológicas, transmite e recebe afetos e valores. A sala de aula é o centro da educação escolar [...]. pois a formação [...] se dá neste espaço de interação entre os sujeitos, mediados pela realidade. No ato de ensinar, nas quatro paredes e no contato com os alunos é que o professor sente, por um lado, o volume de problemas concretos, sem solução, a antipedagogia do dia-a-dia e por outro, a desvinculação da formação acadêmica, o *pedagogês*, que não dá conta da vida escolar. Quando damos ênfase à sala de aula, não o fazemos numa visão intimista, "apolítica" da educação, na medida que ela não está desvinculada da escola e da sociedade, tanto no sentido de receber influência como de intervir na realidade. Buscamos caminhos que unam a vida cotidiana da sala de aula com uma linha de educação [...]. Poderíamos dizer que o trabalho de sala de aula é um sistemático e intencional processo de interação com a realidade, mediante o relacionamento humano baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da coletividade. (Vasconcellos, 2002, p. 12)

O tipo de humor escolhido para ser utilizado neste estudo de caso foi o humor *Stand Up*, pois, além de ser uma forma eficaz de engajar o público e estimular

respostas rápidas, ele também exige um entendimento do contexto e do público-alvo da piada. Esse tipo de humor demonstra que o cômico só terá efeito se os alunos tiverem compreendido o conteúdo da aula, como aponta Soares (2013): “A prerrogativa é que esse tipo de humor revela informações íntimas da cultura ‘ironizada’.” O *stand up comedy* exige esforço etnográfico dos humoristas, justamente por utilizar-se dos materiais culturais disponíveis no seu cotidiano social para confeccionar suas piadas” (Soares, 2013, p. 481).

6 DIÁRIOS DE CAMPO

Os diários de campo foram utilizados como ferramenta de avaliação para examinar a aplicação da metodologia do humor e da comédia no ensino. Inicialmente, será apresentado o diário de campo referente às aulas ministradas pelo professor estagiário para a turma 101, na disciplina de Filosofia, utilizando a metodologia baseada no humor e na comédia. Em seguida, será exposto o diário de campo da turma 203, na qual o estagiário aplicou aulas de Sociologia, mas sem recorrer ao uso dessa metodologia. A inclusão do diário de campo da turma 203 é fundamental, pois ela servirá como grupo de controle, permitindo a comparação direta e a análise do impacto que o uso do humor e da comédia teve no processo de ensino-aprendizagem da turma 101.

6.1 Diário de campo da turma 101

Neste capítulo, serão apresentados os registros e reflexões das aulas ministradas para a turma 101, onde o humor e a comédia foram utilizados como metodologias para o ensino de temas filosóficos complexos. Ao longo do capítulo, será detalhado o desenvolvimento dessas aulas, com uma análise do impacto do uso do humor nas respostas dos alunos, suas reações e como essa estratégia contribuiu para o aprendizado significativo e participativo. Através dos registros das aulas, será possível observar como o ambiente criado pelo humor facilitou a absorção de conteúdos filosóficos e estimulou o engajamento dos estudantes.

6.1.1 Aula 1: 25/10/2023 - Regência de filosofia turma 101

No início da aula, o professor estagiário se apresentou à turma e propôs uma dinâmica. Ele pediu para um aluno se voluntariar e compartilhar seu nome, idade, matéria preferida e algo que gostava de fazer em seu tempo livre. Em seguida, esse aluno deveria escolher um colega para fazer o mesmo. A dinâmica se revelou interessante, pois, de certa forma, utilizava o humor, com a participação dos alunos em tom descontraído. Quando perguntados sobre sua matéria favorita, alguns alunos disseram não ter nenhuma, o que gerava risadas entre eles. O professor estagiário então comentou que não havia problema algum em não ter uma matéria favorita, assim como também não havia problema em não compartilhar o que

gostavam de fazer no tempo livre. Nesse momento, todos participaram, o que resultou em risos e uma atmosfera descontraída na sala de aula.

Após a dinâmica, o professor perguntou aos alunos o que eles entendiam por filosofia. Um pequeno grupo de três alunos respondeu que filosofar significava pensar e buscar uma verdade maior, algo ligado ao espiritual. Um outro aluno, de forma espontânea, disse: “Filosofar é filosofar”, enquanto fazia um gesto com as mãos ao redor da cabeça, como uma maneira de expressar esse entendimento, também associado a algo espiritual.

O professor estagiário explicou que, de certa forma, a filosofia poderia ser vista dessa maneira, mas o enfoque da aula seria um pouco diferente, mais voltado para a ciência. Então, escreveu no quadro a palavra “filosofia” e, abaixo dela, as palavras “*Phylos + Sophia*”, explicando que filosofia vem dessas palavras gregas e que juntas significam “amor pela sabedoria”. Em seguida, o professor enfatizou que a filosofia não poderia ser encarada como meras suposições ou ideias sem fundamento, e que o filósofo não deve ser guiado por orgulho em relação à sua teoria. Pelo contrário, ele deve ser motivado pelo amor ao conhecimento, o que significa estar disposto a mudar sua forma de pensar quando sua teoria entra em conflito com outra, reconhecendo quando está errado.

Com um toque de humor, o professor tentou explicar esse conceito. Ele apontou para a parede da sala de aula, que era branca, e perguntou aos alunos qual era a cor dela. Todos responderam que era branca, que de fato era a cor real. O professor, então, disse: “Mas, eu vejo ela vermelha.” Os alunos riram e disseram novamente que a parede era branca, questionando como o professor poderia vê-la como vermelha. O professor então pediu que apresentassem provas de que a parede era realmente branca. As respostas dos alunos foram: “É só olhar para ela” e “O vermelho é diferente desta cor.” O professor explicou que, ao observar a parede, a maioria dos alunos chegou à conclusão de que ela era branca e que houve um consenso entre eles. Assim, a resposta deles seria considerada certa, pois a conclusão foi fruto da observação e do acordo entre as pessoas. Ele perguntou então se todos haviam compreendido o conceito de teorias e de como se dá a construção do conhecimento. Todos responderam que sim.

Em seguida, o professor estagiário fez uma linha do tempo no quadro e colocou o nome de Sócrates no centro. Ele explicou como Sócrates foi um grande filósofo, cujas ideias marcaram uma mudança no pensamento filosófico, mas que,

naquele momento, ele não seria o foco da aula. O objetivo era falar sobre os filósofos que viveram antes dele. O professor então escreveu o nome de Tales de Mileto no início da linha do tempo. Em seguida, distribuiu para os alunos folhas impressas com um texto sobre Tales de Mileto e os filósofos pré-socráticos. Pediu que alguns alunos se voluntariassem para ler o texto em voz alta, um parágrafo cada. Apenas dois alunos se ofereceram, então o professor prosseguiu lendo o texto em voz alta, parando em alguns momentos para explicar o conteúdo.

O texto abordava a figura de Tales de Mileto, sua teoria de que a Terra repousava sobre a água e como, embora essa teoria não fosse correta, ela era bem estruturada para a época. Também se falava sobre as contribuições de Tales para a astrologia, como sua previsão de um eclipse solar, que ele conseguiu fazer por meio de observação. O texto ainda mencionava como Tales foi o primeiro filósofo a buscar o princípio originário de todas as coisas e o elemento fundamental de que tudo era composto, o que ficou conhecido como *Arché*. Para Tales de Mileto, esse princípio era a água.

Após a leitura do texto e as explicações, o professor estagiário perguntou se todos haviam entendido. Todos responderam que sim. Então, ele perguntou se algum aluno tinha uma teoria sobre o *Arché*, assim como Tales de Mileto acreditava que a água era o princípio de tudo. Nenhum aluno conseguiu formular uma teoria própria, mas um deles mencionou que “tudo que é vivo precisa de água”. O professor estagiário então explicou que a filosofia não se resume a simplesmente pensar ou achar algo. Assim como Tales desenvolveu sua teoria, ele não apenas pensou que a água fosse o princípio de tudo, mas construiu uma justificativa racional para isso. Mesmo que sua teoria parecesse lógica, o professor destacou que isso não significava que ela estivesse correta.

No próximo momento, o professor estagiário contou uma história de forma humorada, com a intenção de fazer uma piada. Ele narrou que, um dia, Tales de Mileto estava caminhando por um campo com uma senhora idosa. Enquanto caminhavam, Tales observava o céu e as estrelas, até que, de repente, ele caiu em um buraco no chão. A senhora olhou para ele e disse: “Você, Tales de Mileto, que consegue prever até eclipses, não conseguiu prever o buraco?”. No entanto, a piada não gerou risos, apenas alguns sorrisos tímidos. O professor estagiário explicou que o motivo disso não foi a falta de compreensão do conteúdo por parte dos alunos,

mas sim o fato de que a referência ao eclipse estava no início da aula, e o restante do conteúdo veio logo em seguida, o que acabou comprometendo o timing da piada.

Por fim, o professor estagiário pediu para que os alunos pesquisassem, em seus celulares, sobre outros filósofos pré-socráticos e suas respectivas teorias. No entanto, o sinal do intervalo tocou e a aula chegou ao fim.

6.1.2 Aula 2: 01/11/2023 - Regência de filosofia turma 101

No início da aula, o professor estagiário cumprimentou a turma e perguntou como os alunos estavam. Em seguida, engajou em uma breve conversa para descontrair e dar tempo para que todos se acomodassem. Ele, então, desenhou uma linha do tempo no quadro, posicionando Sócrates no meio e Tales de Mileto no início. Fez uma breve revisão oral da aula anterior, que abordava Tales de Mileto, os pré-socráticos e a ideia de "*arché*". A maioria dos alunos pareceu lembrar do conteúdo, com alguns contribuindo com o que recordavam.

O professor explicou como a filosofia é dividida em períodos antes e depois de Sócrates, introduzindo o tema da aula. Em seguida, distribuiu aos alunos um texto sobre Sócrates, destacando a diferença na visão de mundo e no método filosófico em comparação com os pré-socráticos. O texto abordava também a dialética socrática e a ideia de justiça para Sócrates.

O professor solicitou voluntários para lerem o texto em voz alta, com três alunos se prontificando, enquanto ele completou a leitura. Pausas foram feitas para que o professor esclarecesse o conteúdo, especialmente ao explicar como Sócrates, ao contrário dos pré-socráticos, buscava respostas no interior do ser humano.

Na parte final do texto, sobre a concepção de justiça para Sócrates, o professor utilizou uma narrativa descontraída para tornar a explicação mais envolvente. Contou a história do julgamento de Sócrates, acusado de "corromper a juventude", de maneira leve e com toques de bom humor: "Sócrates foi acusado de corromper seus discípulos. Preso e correndo risco de morte, alguns de seus discípulos subornaram guardas para ajudá-lo a fugir, mas ele recusou, achando que seria covardia e desonra às suas convicções – quase como se ele dissesse: 'Eu rio na cara do perigo'. Durante o julgamento, embora fosse respeitado na sociedade, Sócrates recusou admitir que suas ideias eram falsas, preferindo se manter firme, pois considerava essa renúncia mais grave que a própria morte. Perguntaram-lhe qual punição ele achava adequada, ao que ele respondeu: 'Deveria ser tratado como

um deus por tudo que fiz por essa cidade'. No fim, teve de escolher entre renunciar às suas crenças ou tomar um gole de cicuta.”

O professor estagiário perguntou aos alunos o que acreditavam que Sócrates tinha feito. Eles responderam que ele tomou a cicuta, ao que o professor confirmou e discutiu o motivo dessa escolha, explorando o conceito de justiça para Sócrates. Algumas respostas incluíram: “Porque ele estaria indo contra o que acreditava.” e “Era a única escolha que ele tinha.” O professor percebeu que os alunos compreenderam que, para Sócrates, apenas ele mesmo poderia assumir as consequências de suas crenças.

Esse modo informal e bem-humorado de contar o julgamento de Sócrates fomentou um debate entre os alunos, que refletiram sobre se conseguiriam agir da mesma forma em uma situação semelhante. Após alguns minutos de debate, o sinal indicou o fim da aula.

6.1.3 Aula 3: 08/11/2023 - Regência de filosofia turma 101

No início da aula, o professor estagiário cumprimentou a turma de maneira bem-humorada e iniciou uma breve revisão sobre o conteúdo da aula anterior, que abordava Sócrates e seu conceito de justiça, enquanto os alunos se acomodavam. Em seguida, desenhou uma linha do tempo no quadro, colocando Tales de Mileto no início, Sócrates no meio e, ao lado, Platão. O professor estagiário comentou que havia trazido um presente especial para todos os alunos e que o entregaria no final da aula.

O professor distribuiu uma folha com um texto sobre Platão, abordando sua relação como discípulo de Sócrates, sua visão sobre o conhecimento sensível e inteligível, e a teoria do "mundo das ideias". O texto explicava que, para Platão, o verdadeiro conhecimento estava no mundo metafísico das ideias, enquanto o sensível era ilusório. A segunda parte do texto tratava do mito da caverna de Platão.

Ele pediu aos alunos que se voluntariassem para ler em voz alta, com cerca de seis alunos participando. O professor fez pausas em pontos estratégicos para explicar melhor certos conceitos, como o de metafísica e a ideia de que, para Platão, a perfeição só existia no mundo das ideias. Utilizou o exemplo de uma cadeira na sala, dizendo que, embora todos reconhecessem uma cadeira e sua função, Platão acreditava que todas as cadeiras eram apenas sombras da "cadeira perfeita" que existia apenas no mundo das ideias. Questionou os alunos se acreditavam em algo

perfeito, como o "amor perfeito e incondicional", ao que a maioria respondeu negativamente. O professor explicou que, para Platão, esse amor perfeito existiria apenas no mundo das ideias, sendo o amor experimentado apenas uma sombra.

Ao final da leitura e das explicações, o professor anunciou que era hora do presente prometido. Ele disse: "Eu não sabia qual presente dar a vocês, então decidi dar o presente perfeito." Em seguida, fingiu pegar algo de sua mochila e entregou "nada" nas mãos dos alunos, passando por todos. Nos primeiros momentos, os alunos ficaram confusos, mas logo começaram a rir ao perceber o que ele estava fazendo. A atividade usou humor e comédia como metodologia para tornar o ensino mais envolvente e, nesse momento, ficou evidente o acerto da abordagem: o riso indicava que os alunos haviam entendido o conceito do "mundo das ideias" de Platão.

O professor também observou que alguns alunos, que anteriormente estavam distraídos no celular, pararam para prestar atenção devido à curiosidade provocada pelo riso. Uma aluna em particular guardou o celular e perguntou a uma colega o motivo das risadas, e a colega explicou: "É porque é o presente perfeito. Ele só existe no mundo das ideias," enquanto ria, demonstrando que compreendeu o conceito e foi capaz de explicá-lo para outra pessoa. Após alguns minutos, o sinal tocou e a aula foi encerrada.

6.1.4 Aula 4: 22/11/2023 - Regência de filosofia turma 101

A aula começou com uma revisão descontraída sobre o conteúdo anterior, focando em Sócrates e o conceito de justiça, enquanto os alunos se acomodavam. O professor estagiário desenhou uma linha do tempo no quadro com Tales de Mileto, Sócrates, Platão e Aristóteles, explicando as relações entre os filósofos e mencionando como Aristóteles discordava de Platão sobre a metafísica.

Para introduzir o tema, ele distribuiu um texto sobre Aristóteles, destacando sua importância na sistematização das ciências, sua visão sobre política, ética, e seu enfoque no empirismo, além da teoria das quatro causas: Material, Formal, Final e a do Primeiro Motor Imóvel. A leitura do texto foi feita por alguns alunos voluntários e pelo professor, que explicava os conceitos com pausas estratégicas para tornar o conteúdo mais acessível.

Para explicar a teoria das quatro causas, o professor usou o exemplo de uma cadeira. Começou abordando a causa material, perguntando do que a cadeira era

feita. Os alunos responderam que era de ferro e plástico. Em seguida, tratou da causa formal, questionando a turma sobre o formato da cadeira em questão e o que normalmente caracteriza a forma de uma cadeira. Os alunos inicialmente responderam que a cadeira tinha "o formato de uma cadeira". Então, o professor perguntou o que a diferenciava de um banco, ao que os alunos responderam: o tamanho, o encosto e as pernas.

Por fim, o professor discutiu a causa final, perguntando sobre a finalidade da cadeira. Embora alguns alunos dessem respostas humorísticas, chegaram ao consenso de que a função principal era sentar. O professor, então, mencionou que é possível sentar em bancos, sofás e até em uma pedra, mas que ao se falar a palavra "cadeira", todos pensam em um objeto semelhante ao exemplo presente na sala.

Ao abordar o Primeiro Motor Imóvel, o professor fez uma demonstração com cadeiras enfileiradas, empurrando a primeira para explicar como uma causa gera movimento em outra. Ele questionou a origem do primeiro motor que causou tudo, sem ser ele mesmo causado, conectando a ideia com concepções religiosas de um criador não-causado.

Para encerrar a aula de forma divertida, o professor explicou que em todas as aulas havia trazido uma piada relacionada com o conteúdo apresentado, entretanto não tinha conseguido pensar em uma para esta aula. Então ele explicou que havia usado Inteligência Artificial para criar piadas sobre o tema de Aristóteles, fazendo humor com o conceito de "motor imóvel". Ele apresentou três piadas:

Piada criada pela Inteligência artificial: Aristóteles e Platão estão em um bar. Platão diz: "Aristóteles, você sempre parece tão sério. Por que nunca vemos você rindo?". Aristóteles responde: "Bem, meu caro Platão, de acordo com a minha teoria do motor imóvel, o riso é um movimento, e o motor imóvel não pode se mover para rir!"

Reação da turma: A maioria dos alunos riu, porém isso parecia se dar pela confusão da piada gerada pela inteligência artificial.

Segunda piada criada pela inteligência artificial: Um estudante pergunta ao professor de filosofia: "Professor, o que você acha da teoria do motor imóvel de Aristóteles?". O professor responde: "Bem, meu caro, eu acho que a teoria do motor imóvel é como uma piada sem punchline. Ela nos faz refletir, mas no final, tudo permanece no mesmo lugar!".

Resultado: Poucos alunos riram, porém vários alunos pareceram achar a piada bem feita do que realmente engraçada.

Terceira piada criada pela inteligência artificial: Dois filósofos estão debatendo sobre a existência:

Filósofo 1: "Você acredita em vida extraterrestre?"

Filósofo 2: "Bem, segundo Aristóteles, se existe, deve ter uma causa final."

Filósofo 1: "E qual seria a causa final de vida alienígena?"

Filósofo 2: "Provavelmente, a busca pelo sentido da vida universal, mas quem sabe, talvez eles só estejam procurando uma versão mais avançada de queijo!"

Resultado: A maioria dos alunos riu, porém, parecia se dar ao fato do quão boba a piada era, fazendo assim ela cômica pelos motivos diferentes do esperado. Entretanto, após a explicação do professor e três piadas a qual envolvia a teoria, estava evidente que eles tinham entendido o conteúdo. Após as piadas e a conclusão, o sinal tocou, e o professor se despediu, já que essa era sua última aula com a turma.

6.2 Diário de campo da turma 203

6.2.1 Aula 1: 17/05/2023 - Regência de Sociologia

O professor estagiário começou a aula se apresentando para a turma. Ele falou um pouco sobre quem era, como chegou ali e o que esperava da disciplina. Depois, fez uma pergunta para todo mundo: "O que vocês entendem por Sociologia?". Poucos tentaram responder.

As respostas falavam que era algo sobre a sociedade o que não é errado, porém não houve um engajamento em uma resposta mais elaborada. O professor, então, explicou um pouco mais sobre o que a Sociologia estuda, como as relações sociais e as estruturas da sociedade, tentando mostrar de um jeito simples como a disciplina é importante para entender as coisas ao nosso redor.

O ambiente estava bem tranquilo, com alunos mostrando interesse, mas também um pouco de timidez no começo. A interação foi boa, e a turma, aos poucos, foi se soltando e começando a entender melhor o que a Sociologia pode

abordar. A ideia era mostrar como tudo o que a gente vive e vê no dia a dia pode ser explicado através da Sociologia.

No segundo momento, o professor distribuiu uma folha com um texto sobre a palavra “sociologia” e os conceitos fundamentais associados a essa ciência, ressaltando que essa introdução ajudaria a entender as discussões sobre sociedade e comportamento. Os alunos receberam o material, e o professor iniciou a leitura em voz alta, fazendo breves pausas para destacar alguns dos termos e conceitos apresentados.

Com os conceitos centrais já introduzidos, o professor aproveitou para ampliar a discussão. Ele perguntou aos alunos se reconheciam aspectos desses conceitos em suas próprias experiências cotidianas, incentivando-os a identificar como a sociedade e as normas sociais influenciam suas rotinas. Alguns alunos mencionaram exemplos práticos e situações do dia a dia, levando o professor a conectar essas ideias aos significados propostos por sociólogos conhecidos, como Durkheim e Weber. A cada conceito mencionado, o professor estagiário procurava contextualizar o termo com algo próximo da vivência dos alunos, promovendo uma ligação entre teoria e realidade.

Na sequência, o professor apresentou quatro questões no quadro, orientando os alunos a copiá-las e respondê-las durante a aula. As perguntas incluíam o significado da palavra “sociologia” e indagavam sobre o social, a sociedade e a importância da sociologia como ciência. Os alunos começaram a responder, e o professor circulava pela sala, incentivando a participação e esclarecendo dúvidas sobre cada questão.

Ao final, houve um breve momento de discussão sobre as respostas dos alunos, onde o professor reforçou a importância da sociologia para entender o comportamento coletivo e as estruturas sociais. Ao término da aula, o professor estagiário agradeceu a participação da turma, destacando a relevância do pensamento crítico sobre a sociedade e o papel que eles, enquanto jovens, desempenham nela. Logo em seguida o sinal tocou e a aula terminou.

6.2.2 Aula 2: 24/05/2023 - Regência de Sociologia

O professor estagiário iniciou a aula com um pequeno resumo do conteúdo anterior, o que ajudou a turma a se situar no tema e a se preparar para o que viria a seguir. Ele explicou que a ideia seria continuar explorando a Sociologia de forma

mais aprofundada, com foco em sua história e nos principais teóricos que ajudaram a construir esse campo do conhecimento. O objetivo era não apenas conceituar a disciplina, mas também trazer um raciocínio crítico para a realidade dos alunos, mostrando como a Sociologia não está distante de suas vidas, mas sim muito conectada ao que eles vivenciam no cotidiano.

Após esse resumo inicial, o professor distribuiu um texto impresso e pediu para os alunos colarem no caderno. O texto trazia informações sobre como o pensamento sociológico evoluiu desde a Antiguidade, passando pelo Período Medieval e Idade Moderna, até se consolidar como ciência na Idade Contemporânea. O professor então leu o texto junto com a turma e explicou os pontos principais. Um ponto interessante foi quando ao explicar aos alunos sobre o Darwinismo social que explica como a sociedade evoluiu tão qual a teoria de Darwin, uma aluna falou não acreditar na teoria da evolução dele. Ela disse algo como: “Eu não acredito que o homem veio do macaco.” Então o professor teve que explicar um pouco mais sobre a teoria da evolução de Darwin para um melhor entendimento. Entretanto, não se aprofundou visto que não é sua área.

Durante a explicação no final do texto, o professor estagiário tentou focar nas relações de poder entre as classes sociais e tentou trazer a realidade dos alunos para o mesmo. Alguns alunos participaram trazendo suas vivências e suas visões demonstrando que entenderam o conteúdo. Dentre alguns exemplos citados pelos alunos sobre esta relação de poder, foram citadas algumas figuras de cidade, que são consideradas pelos alunos como poderosas, também a questão de que eles achavam que para conseguir alguns empregos existia a necessidade de ser indicado por alguém que tenha um certo tipo de poder.

No último momento o professor passou três perguntas para os alunos copiarem e debater em aula. Sendo as perguntas: “1) Como era o pensamento sociológico antigo? Qual era o propósito?”; “2) O que é a teoria evolucionista de Charles Darwin e como ela se aplica à sociologia?”; “3) Qual a diferença entre a sociologia entre as diferentes épocas e sociólogos?”.

Houve pouca participação dos alunos no debate para as perguntas, porém foi observado que os alunos participaram tinham entendido o conteúdo de alguma maneira. Entretanto se notou que o Darwinismo social de certa forma continuou sendo um pouco confuso para eles.

Logo em seguida o sinal tocou e a aula chegou ao fim.

6.2.3 Aula 3: 31/05/2023 - Regência de Sociologia

No primeiro momento, o professor estagiário fez uma pequena revisão sobre o conteúdo passado até então, tendo ênfase no conceito de instituições e nas relações de poderes das classes sociais. Isto se dá pelo fato que no segundo momento da aula os alunos foram levados até a sala de vídeo para assistirem o filme “O auto da compadecida”, o qual foi editado pelo professor para caber em um período e também cortando algumas partes do filme que não tinham a ver com o tema da aula. Os alunos gostaram muito de assistir o filme, mesmo que alguns deles já o conhecessem. Todos se comportaram bem e, apesar de algumas pequenas conversas, eles prestaram atenção. Como esperado, não foi possível ver todo o filme. Quando o sinal tocou, o professor estagiário levou os alunos de volta para a sala de aula para eles darem continuidade ao próximo período de aula que eles teriam.

6.2.4 Aula 4: 07/05/2023 - Regência de Sociologia

No primeiro momento, o professor estagiário tentou relembrar com os alunos o filme “O auto da compadecida”, que haviam assistido na última aula, lembrando os personagens e o enredo do filme. Então, o professor realizou um debate sobre o filme, procurando debater com os alunos quais instituições eram vistas no filme e a relação de poder entre os personagens que atuavam como estes personagens. Boa parte dos alunos participaram e conseguiram apresentar quais personagens representavam suas respectivas instituições dentro da sociedade.

No último momento, o professor estagiário trouxe cinco questões para fomentar o debate, sendo elas: “1. Quais instituições são possíveis notar no filme?”; “2. Cada personagem ou grupo de personagem representa uma classe social. Quais seriam?”; “3. Cite em sua cidade pessoas que representam essas classes.”; “4. Quem tem a melhor relação de poder dos personagens e por quê?”; “5. Em qual das classes você se inseriram tendo a sua realidade e a do filme?”.

No momento de debater, a primeira e a segunda questão foram mescladas e os alunos entenderam, conseguindo explicar que os personagens Chicó e João Grilo representavam o trabalhador/a, pessoas pobres. Dessa mesma forma, o padre

representava a instituição da Igreja. O padeiro e sua mulher representavam a classe média que, apesar de ter um poder aquisitivo, não eram donos do meio de produção. Já os cangaceiros seriam uma parte marginalizada da sociedade. E o Coronel Antônio Morais sendo a elite que, mesmo com o ataque dos cangaceiros, não sofreu nenhum transtorno.

Na terceira pergunta, os alunos responderam algumas pessoas com alto poder aquisitivo da cidade onde moram e que eles seriam a elite, porém, não conseguiram elaborar bem outras classes, possivelmente por uma mistura de não saberem exemplificar e também de não conseguir enxergar.

Já na quarta pergunta, a resposta foi unânime. Todos os alunos responderam que o coronel, a elite, era quem teria a melhor relação de poder. Assim como todos responderam a pergunta número cinco como eles seriam o Chicó e o João Grilo, os trabalhadores/pobres.

Logo em seguida o sinal tocou e a aula chegou ao fim. Assim, o professor estagiário se despediu dos alunos, tendo em vista que esse era o último dia de regência na turma.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, ao analisar o diário de campo, podemos observar que tanto a turma 203, que não utilizou o método e serviu como grupo de controle, quanto a turma 101, onde o humor e a comédia foram utilizados como metodologia de ensino, apresentaram resultados satisfatórios no entendimento do conteúdo. Contudo, é fundamental destacar o impacto específico da metodologia aplicada na turma 101.

Para isso, foram utilizados alguns indicadores para identificar possíveis diferenças. Esses indicadores incluem: a participação nas aulas, a qualidade dessa participação (avaliando se está relacionada ao conteúdo abordado) e, por último, o riso, um elemento essencial para medir o impacto da metodologia. Como explicado no capítulo cinco deste trabalho, o humor no estilo *stand-up* exige a compreensão do conteúdo para que o riso seja gerado, o que demonstra o entendimento do tema apresentado.

Na turma 203, o grupo de controle, houve participação e boa disposição por parte dos alunos. Apesar de a interação ter sido menor que na turma 101, não se pode desconsiderar o engajamento dos estudantes. No entanto, em alguns momentos, a participação na turma 203 não estava diretamente relacionada ao conteúdo. Ainda que os alunos da turma 203 tenham compreendido o conteúdo e participado de trocas significativas, as aulas foram conduzidas de forma mais tradicional, com debates mediando a conexão entre os conceitos sociológicos e as realidades dos alunos. Embora essa abordagem não seja negativa, ela tornou as aulas um pouco monótonas. Esse padrão foi quebrado em um momento com a exibição de um filme, mas, na aula seguinte, retomou-se a mesma estrutura anterior. Assim, percebe-se que os alunos estavam acostumados a um formato previsível de aula.

Por outro lado, na turma 101, onde foi aplicada a metodologia baseada no humor e na comédia, as aulas foram mais dinâmicas, despertando curiosidade sobre como o conteúdo seria apresentado. Embora ambas as turmas tivessem acesso a textos impressos, o uso do humor diferenciava significativamente a experiência de aprendizagem na turma 101.

Ao considerar o riso como indicador, nota-se que, na turma 203, não houve momentos de riso relacionados ao conteúdo, uma vez que não foram feitas piadas.

Mesmo com a exibição do filme *O Auto da Compadecida*, uma comédia, não ocorreram situações que provocassem risadas significativas. Embora o riso não seja um objetivo central no ensino de conteúdos, ele evidencia o engajamento e a compreensão do aluno.

O professor, ao ministrar suas aulas, já faz uso do humor, no sentido descrito no capítulo 2.1 deste trabalho, especialmente ao demonstrar "bom humor" em sua relação com os alunos. Considerando essa prática, este estudo sugere que o docente dê um passo além, incorporando a comédia de maneira intencional e estratégica. Muitas vezes, o conhecimento prévio do professor pode conter elementos curiosos ou aspectos específicos que, quando analisados, podem ser transformados em ferramentas cômicas para o ensino, promovendo o riso e, conseqüentemente, uma melhor assimilação dos conteúdos.

Dessa forma, é importante ressaltar que o humor e a comédia não devem ser utilizados como metodologia em todas as aulas ou conteúdos, especialmente em temas mais sensíveis, que demandam abordagens mais delicadas. No entanto, essas estratégias constituem uma ferramenta valiosa que o professor pode incorporar em sua prática pedagógica, adaptando-as aos contextos em que atua e enriquecendo sua trajetória profissional.

Entretanto, há uma notável dificuldade em encontrar textos e trabalhos acadêmicos que abordem de maneira aprofundada este tema. Essa carência evidencia a necessidade de maior produção intelectual e científica por parte de autores que se dediquem a explorar essa metodologia em diferentes contextos educacionais. É fundamental que mais pesquisadores se envolvam na investigação e aplicação dessas práticas, contribuindo para enriquecer o campo com estudos, reflexões e experiências práticas. Esse esforço não apenas amplia o repertório teórico sobre o assunto, mas também oferece novas perspectivas e ferramentas para educadores que desejam diversificar suas abordagens pedagógicas, fortalecendo, assim, a relevância e o impacto desse campo de estudo no ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Série Universitária. Clássicos de Filosofia, 1990.

ÁVILA, L. A. **Grupos**: uma perspectiva psicanalítica. São Paulo: Ed. Zagodoni, 2016.

BACON, F. **Novum Organum**. “Aforismo XIX”. Coleção Os Pensadores. Nova Cultural, São Paulo, 1988 (orig. 1620).

BERGSON, H. **O Riso**: Ensaio sobre a significação do cômico 2ª edição. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983

CASTANHO, M. E. L. M. **Da discussão e do debate nasce a rebeldia**. In: VEIGA, I. P. A. (org). Técnicas de ensino: por que não? 21. ed. Campinas: Papirus, 2011.

FREUD, Sigmund. **O Humor**. In Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago, 1928.

KROEFF, R.F.S; GAVILLON, P.Q; RAMM, L.V. **Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção**. Estudos e Pesquisas em Psicologia 2020, Vol. 02. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/52579/34210>>. Acesso em 28 de Setembro de 2024.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica** 1 Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. - 5. ed. São Paulo : Atlas, 2003.

MANN, Peter H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. Capítulos 4,5,6,7 e 8.

MENDES, D. C; CASTELANO, K. L; MARTINS, L. M; ANDRADE, C. C. F. **A influência da autoestima no desempenho escolar**. Educação em Debate, Fortaleza, ano 39, nº 73 - jan./jun. 2017.

RANGEL, M. **Métodos de ensino para a aprendizagem e a dinamização das aulas**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **Tópicos sobre educação, metodologia da pesquisa científica, contabilidade, direito administração e economia**. Salvador: Quarteto, 2007.

SOARES, Frederico Fonseca. **A leitura antropológica pelo humor stand up**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 35, pp. 480-492, Agosto de 2013. ISSN 1676-8965.

SPINK, P. K. (2008). **O pesquisador conversador no cotidiano.** *Psicologia & Sociedade*, 20(spe), 70-77. doi:10.1590/S0102-71822008000400010

SZTEJNBERG, A., FINCH, E. **Adaptive use patterns of secondary school classroom environments.** *Facilities*, 24(13/14), 2006.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** 13. ed São Paulo: Libertad, 2002b (Cadernos Pedagógicos do Libertad, 2).

VENTURA, M.M. **O estudo de caso como modalidade de pesquisa.** 2007.

Disponível em:

<http://unisc.br/portal/upload/com_arquivo/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf>. Acesso em 28 de Setembro de 2024.

WANNARKA, R, RUHL, K. **Seating arrangements that promote positive academic and behavioural outcomes: A review of empirical research.** *Support for Learning*, 23(2), 2008. Disponível em <<https://doi.org/10.1111/j.1467-9604.2008.00375.x>>. Acesso em: 12 de outubro de 2024.

ZILLES, Urbano. **O significado do humor.** *Revista FAMECOS*, 10(22), 83 - 89. Porto Alegre, 2003. Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3239/2499>>. Acesso em: 15 de outubro de 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Pesquisa Antropológica

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

ACADÊMICO: Rafael dos Santos Martins

ESCOLA: Escola Estadual Técnica Olavo Bilac

TURMA: ____ DATA: ____/____/____

PESQUISA SÓCIO- ANTROPOLÓGICA

1) Sexo: () fem. () masc. Idade: _____

2) Quais atividades você realiza quando não está na escola? (Ex.: trabalho, tarefas de casa, tema, esportes, videogame...)

3) Com quantas pessoas você mora? Quem são? (Ex.: mãe, pai, avó, irmão, etc...)

_____.

Os responsáveis da casa trabalham? Qual atividade que realizam?

_____.

4) Qual a escolaridade do(s) seus responsáveis?

5) O que você gosta e o que não gosta na sua escola?

6) Você possui acesso à internet em casa?

() Sim, por dados móveis () Sim, plano de banda larga () Não

7) Se a resposta da pergunta anterior foi positiva, escreva quantos aparelhos com acesso à internet têm na sua casa:

___ celular(es)

___ computador(es)/notebook(s)

8) De que modo você vai à escola?

() A pé () de bicicleta () de carro/carona () de ônibus () outro

9) Você tem alguma dificuldade no aprendizado? Qual?

10) Quais métodos você acha que aprende melhor? (Ex.: textos, vídeos, áudios, etc.)

11) Para mim, bom professor(a) é aquele (a) que _____

12) Você pretende fazer algum curso técnico ou faculdade? Se sim, qual(is)?

APÊNDICE B – Planos de Aula

Modelo Plano de Aula – Ciências Humanas - Licenciatura

| Dados da Unipampa | |
|----------------------------|--|
| Discente | Rafael dos Santos Martins |
| Orientador (a) | Muriel Pinto |
| Dados da Escola | |
| Escola | Escola Estadual Tecnica Olavo Bilac |
| Série/ano | 1º ano do ensino médio |
| Regente | Rafael dos Santos Martins |
| Horário da aula | 09:50/10:40 |
| Dados da Aula/BNCC | |
| Competência(s) geral (ais) | <ul style="list-style-type: none">- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. - Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, |

| | |
|--|--|
| | autonomia, consciência crítica e responsabilidade. |
| Competência(s) das Ciências Humanas ou Componente curricular | <p>- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> |
| Habilidade(s) | Fomentar a imaginação e o pensamento crítico dos alunos |
| Objetos do Conhecimento (conteúdos) | Despertar curiosidade sobre a construção do saber científico durante a história e como ele se fez |
| Objetivos (cognitivos, comunicacionais e socioemocionais) | Objetivo 1 Entender como se pensa a filosofia partindo dos filósofos mais antigos |
| | Objetivo 2 Relacionar teorias antigas com as atuais promovendo um pensamento crítico que leva a esta construção. |
| | Objetivo 3 |

| | |
|---|--|
| <p>Justificativa - Apresente a justificativa de sua aula, buscando evidenciar a relevância de serem abordados os temas e conteúdos selecionados. Indique também o contexto geral no qual a aula está inserida. Você pode localizá-la em uma temática mais ampla e/ou indicar em que momento ela poderia ser inserida.</p> | <p>Essa aula se justifica por mostrar como a filosofia com o passar do tempo foi um instrumento importante para o pensamento crítico e a construção do saber.</p> |
| <p>Tempo da aula em períodos e horas.</p> | <p>50 minutos (um período)</p> |
| <p>Dados da aula</p> | |
| <p>Introdução - Como você abrirá a aula despertando a curiosidade de seus alunos?</p> | <p>No primeiro momento o professor estagiário irá se apresentar a turma e então irá questionar os mesmos sobre o que é filosofia. 10 minutos</p> |
| <p>Desenvolvimento -</p> <p>a)Qual será a sequência de atividades que você propõe para a construção do conhecimento sobre o tema?</p> <p>b)Que estratégias pedagógicas você utilizará para desenvolver as atividades?</p> <p>c)Como poderá promover reflexão e conexão com outros conhecimentos?</p> | <p>No segundo momento será passado um texto impresso para os alunos (anexo I) com o conteúdo e então será feita uma leitura em conjunto seguido de uma explicação sobre o mesmo. 30 minutos</p> <p>No terceiro momento o professor irá fazer uma explicação sobre os filósofos pré socráticos e irá pedir para que os alunos pesquisem por outros autores pré socráticos... 10 minutos</p> |

| | |
|--|---|
| <p>Recursos – quais recursos serão usados? Livro didático? Exposição por projeção? Vídeos?...</p> | <p>Texto, lousa.</p> |
| <p>Fechamento -Como você concluirá a atividade? Como poderá promover a reflexão?</p> | <p>A reflexão será dada na atividade e em sua explicação para que o aluno reflita e relacione sua vivencia com as teorias pré socráticas.</p> |
| <p>Avaliação: como você irá observar o processo de aprendizado?</p> | <p>A avaliação será feita pela atividade proposta pelo professor</p> |
| <p>Referências Bibliográficas</p> | <p>https://filosofianaescola.com/filosofos/tales-de-mileto/</p> |

Lista de anexos – slides, material impresso, jogos..

Anexo I: Filósofos pré-socráticos. Tales de Mileto

Tales de Mileto é um filósofo pré-socrático que nasceu na cidade de Mileto, na Grécia Antiga, provavelmente em 624 a.C., e morreu em 546 a.C. Ele é considerado o pai da filosofia por ser o primeiro a responder a questão sobre do que são feitas as coisas e explicar uma série de fenômenos naturais utilizando o raciocínio e a observação ao invés de criar mitos e histórias fantasiosas para isso.

Ele acreditava que a Terra repousava sobre a água, uma ideia que ele explicou através da analogia de que a Terra está em repouso porque é da natureza da madeira e de substâncias semelhantes, que têm a capacidade de flutuar na água, embora não no ar. Tales provavelmente chegou a essa conclusão observando os navios no porto de Mileto e comparando sua flutuação com a de troncos de árvores. Ele pode ter imaginado que a Terra possuía alguma qualidade semelhante que lhe permitia flutuar na água. Embora essa teoria esteja em desacordo com o conhecimento atual, ela demonstra o pensamento racional e as observações empíricas do filósofo.

Tales fez contribuições significativas no campo da astronomia. Ele é famoso por ter previsto um eclipse solar que ocorreu em 585 a.C., o que foi um marco na história da ciência. Se supõe que ele chegou a essa conclusão através da observação dos ciclos da natureza e do estudo das regularidades astronômicas. Ele teria analisado registros anteriores de eclipses e, a partir deles, percebeu um padrão que lhe permitiu fazer a previsão.

Além disso, Tales foi capaz de determinar os solstícios, ou seja, os momentos em que o sol atinge seu ponto mais alto (solstício de verão) ou mais baixo (solstício de inverno) no céu. Ele conseguiu isso observando o movimento aparente do sol ao longo do ano e percebendo que havia dois pontos em que o sol parecia “parar” antes de mudar de direção. Dessa forma, ele estabeleceu uma base para a

| | |
|--|--|
| | <p>compreensão dos ciclos sazonais e da duração dos dias e noites ao longo do ano.</p> <p>Tales foi o primeiro a buscar uma explicação racional para a questão “do que são feitas todas as coisas?” Entre os filósofos pré-socráticos que vieram depois dele, essa se tornou uma questão importante. Todos eles buscaram um princípio a partir do qual todo que existe à nossa volta foi criado. Em grego isso se chama de <i>arché</i>.</p> <p>O que ele pretendia ao perguntar qual o princípio ou <i>arché</i> de todas as coisas era encontrar um elemento fundamental do qual todas as coisas se originam e no qual todas se tornam no momento que deixam de existir. E qual sua resposta? Para ele, esse elemento era a água. Ou seja, ele acreditava que todas as coisas eram geradas a partir da água e que voltavam a ser água depois que deixassem de existir.</p> <p>A água pode passar por mudanças, como evaporação e condensação, se tornar líquida, sólida ou gasosa e, apesar de todas essas transformações de estado, ela permanece sempre a mesma substância. Ora, é justamente isso que precisa um elemento básico: que permaneça inalterado mesmo com as transformações pelas quais passa aquilo que compõe. Além disso, está presente nas mais diferentes coisas da natureza. Ela é essencial para as plantas e animais e está presente em muitos fenômenos naturais.</p> |
|--|--|

Modelo Plano de Aula – Ciências Humanas - Licenciatura

| Dados da Unipampa | |
|--------------------------|----------------------------------|
| Discente | Rafael dos Santos Martins |

| | |
|--|--|
| Orientador (a) | Muriel Pinto |
| Dados da Escola | |
| Escola | Escola Estadual Tecnica Olavo Bilac |
| Série/ano | 1º ano do ensino médio |
| Regente | Rafael dos Santos Martins |
| Horário da aula | 09:50/10:40 |
| Dados da Aula/BNCC | |
| Competência(s) geral (ais) | <p>- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.</p> <p>- Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p> |
| Competência(s) das Ciências Humanas ou Componente curricular | <p>- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas,</p> |

| | |
|--|---|
| | elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. |
| Habilidade(s) | Fomentar a imaginação e o pensamento crítico dos alunos |
| Objetos do Conhecimento (conteúdos) | Despertar curiosidade sobre a construção do saber científico durante a história e como ele se fez |
| Objetivos (cognitivos, comunicacionais e socioemocionais) | Objetivo 1 Entender como se pensa a filosofia partindo dos filósofos mais antigos |
| | Objetivo 2 Relacionar teorias antigas com as atuais promovendo um pensamento crítico que leva a esta construção. |
| | Objetivo 3 |
| Justificativa - Apresente a justificativa de sua aula, buscando evidenciar a relevância de serem abordados os temas e conteúdos selecionados. Indique também o contexto geral no qual a aula está inserida. Você pode localizá-la em uma temática mais ampla e/ou indicar em que momento ela poderia ser inserida. | Essa aula se justifica por mostrar como a filosofia com o passar do tempo foi um instrumento importante para o pensamento crítico e a construção do saber. |
| Tempo da aula em períodos e horas. | 50 minutos (um período) |
| Dados da aula | |

| | |
|---|---|
| <p>Introdução - Como você abrirá a aula despertando a curiosidade de seus alunos?</p> | <p>No primeiro momento o professor estagiário irá dar uma breve retomada no assunto da aula passada que foi sobre Tales de Mileto e os filósofos pré socráticos. 10 minutos</p> |
| <p>Desenvolvimento -</p> <p>a)Qual será a sequência de atividades que você propõe para a construção do conhecimento sobre o tema?</p> <p>b)Que estratégias pedagógicas você utilizará para desenvolver as atividades?</p> <p>c)Como poderá promover reflexão e conexão com outros conhecimentos?</p> | <p>No segundo momento será passado um texto no quadro para os alunos (anexo I) com o conteúdo e então será feita uma leitura em conjunto seguido de uma explicação sobre o mesmo. 30 minutos</p> <p>No terceiro momento o professor irá fazer uma explicação sobre a importância de Sócrates para um novo pensamento da filosofia diferente dos que vieram antes dele. 10 minutos</p> |
| <p>Recursos – quais recursos serão usados? Livro didático? Exposição por projeção? Vídeos?...</p> | <p>Texto, lousa.</p> |
| <p>Fechamento -Como você concluirá a atividade? Como poderá promover a reflexão?</p> | <p>A reflexão será no debate em aula sobre o conteúdo do texto.</p> |
| <p>Avaliação: como você irá observar o processo de aprendizado?</p> | <p>A avaliação será feita pela participação na leitura e nos debates.</p> |
| <p>Referências Bibliográficas</p> | <p>https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/socrates.htm</p> |

Lista de anexos – slides, material impresso, jogos..

Anexo I: Sócrates

Nascido em 469 a.C. nas planícies do monte Licabeto, próximo a Atenas, Sócrates vinha de família humilde e durante a infância ajudou o pai no ofício de escultor. Logo sua vocação falou mais alto e partiu para aprender filosofia, sendo discípulo dos filósofos Anaxágoras e Arquelaus.

Sócrates alterou radicalmente o uso da razão e o objeto de investigação filosófica, ele decidiu que, em vez de continuarem debatendo sobre a origem e transformação do universo e todas as coisas que nele havia, os homens fariam melhor se investigassem a si mesmos: a verdadeira descoberta estava no interior da alma humana, e não fora dela.

O modo como nosso filósofo procedia era inédito até então e ficou conhecido como dialética. Inicialmente, pedia a seu interlocutor que discorresse sobre um assunto qualquer como a justiça, a coragem, a escolha de uma profissão, etc. Em seguida, a partir dos pensamentos mal formulados e expressos, Sócrates ia demolindo os argumentos um a um, de modo que seu oponente ficava frequentemente sem respostas.

Na verdade, esse método provocador de Sócrates obedecia a um princípio filosófico justificável. Para ele, a grande confusão reinante no mundo humano — e que levava os sofistas a concluir que “não há certezas, apenas convenções” — baseava-se no fato de que as pessoas, mesmo os tidos sábios, não raciocinavam com o devido cuidado sobre si mesmos, suas opiniões, valores e ações, tomando como óbvio, coisas que deveriam sempre ser questionadas até o entendimento completo.

Sócrates e a Justiça

Sócrates defende que apenas respeitando as leis positivas (nomos) é possível fazer justiça. Reconhece, contudo, que nem sempre as leis são justas, entretanto deve-se obedecê-las mesmo assim para que haja segurança jurídica. Desrespeitar a lei configura injustiça e não anula aquela sofrida por uma lei ou ato injusto (relação com a sua recusa em fugir do cárcere). É um conflito para o qual não há solução. Justiça não significa respeitar a lei. Porém, o

| | |
|--|--|
| | respeito a ela é um dos mecanismos para que haja justiça, uma condição necessária, mas não suficiente. |
|--|--|

Modelo Plano de Aula – Ciências Humanas - Licenciatura

| Dados da Unipampa | |
|----------------------------|--|
| Discente | Rafael dos Santos Martins |
| Orientador (a) | Muriel Pinto |
| Dados da Escola | |
| Escola | Escola Estadual Tecnica Olavo Bilac |
| Série/ano | 1º ano do ensino médio |
| Regente | Rafael dos Santos Martins |
| Horário da aula | 09:50/10:40 |
| Dados da Aula/BNCC | |
| Competência(s) geral (ais) | <p>- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.</p> <p>- Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Competência(s) das Ciências Humanas ou Componente curricular</p> | <p>- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> |
| <p>Habilidade(s)</p> | <p>Fomentar a imaginação e o pensamento crítico dos alunos</p> |
| <p>Objetos do Conhecimento (conteúdos)</p> | <p>Despertar curiosidade sobre a construção do saber científico durante a história e como ele se fez</p> |
| <p>Objetivos (cognitivos, comunicacionais e socioemocionais)</p> | <p>Objetivo 1 Entender como se pensa a filosofia partindo dos filósofos mais antigos</p> <p>Objetivo 2 Relacionar teorias antigas com as atuais promovendo um pensamento crítico que leva a esta construção.</p> <p>Objetivo 3</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Justificativa - Apresente a justificativa de sua aula, buscando evidenciar a relevância de serem abordados os temas e conteúdos selecionados. Indique também o contexto geral no qual a aula está inserida. Você pode localizá-la em uma temática mais ampla e/ou indicar em que momento ela poderia ser inserida.</p> | <p>Essa aula se justifica por mostrar como a filosofia com o passar do tempo foi um instrumento importante para o pensamento crítico e a construção do saber.</p> |
| <p>Tempo da aula em períodos e horas.</p> | <p>50 minutos (um período)</p> |
| <p>Dados da aula</p> | |
| <p>Introdução - Como você abrirá a aula despertando a curiosidade de seus alunos?</p> | <p>No primeiro momento o professor estagiário irá fazer uma pequena revisão da aula anterior sobre Sócrates e o conceito de justiça para ele. 10 minutos</p> |
| <p>Desenvolvimento -</p> <p>a)Qual será a sequência de atividades que você propõe para a construção do conhecimento sobre o tema?</p> <p>b)Que estratégias pedagógicas você utilizará para desenvolver as atividades?</p> | <p>No segundo momento será passado um texto impresso para os alunos (anexo I) com o conteúdo e então será feita uma leitura em conjunto seguido de uma explicação sobre o mesmo. 30 minutos</p> <p>No terceiro momento o professor irá fazer uma explicação sobre a importância de Platão para o conhecimento e uma pequena atividade sobre o mundo das Ideias. 10 minutos</p> |

| | |
|--|---|
| <p>c) Como poderá promover reflexão e conexão com outros conhecimentos?</p> | |
| <p>Recursos – quais recursos serão usados? Livro didático? Exposição por projeção? Vídeos?...</p> | <p>Texto, lousa.</p> |
| <p>Fechamento -Como você concluirá a atividade? Como poderá promover a reflexão?</p> | <p>A reflexão será dada na atividade e em sua explicação para que o aluno reflita sobre o mundo das Ideias e o mito da caverna.</p> |
| <p>Avaliação: como você irá observar o processo de aprendizado?</p> | <p>A avaliação será feita pela atividade proposta pelo professor e participação em aula.</p> |
| <p>Referências Bibliográficas</p> | <p>https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/platao.htm</p> <p>https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/mito-caverna-platao.htm</p> |

Lista de anexos – slides, material impresso, jogos..

Anexo I:

Platão

Platão foi discípulo de Sócrates e um dos mais importantes filósofos da Grécia Antiga. No período antropológico, iniciado a partir das ideias socráticas, Platão destacou-se por ter lançado a sua teoria idealista e por ter deixado escrita a maioria dos textos conhecidos hoje sobre Sócrates.

O idealismo platônico consiste, basicamente, em uma distinção entre **conhecimento sensível**, inferior e enganoso, que seria obtido pelos sentidos do corpo, e **conhecimento inteligível**, superior e ideal, que acessaria a verdade sobre as coisas. O conhecimento inteligível seria aquele que permite o nosso acesso ao ser e à essência de algo, que seria imutável, ao contrário da aparência, que pode enganar-nos. O conhecimento inteligível estaria no **Mundo das Ideias e das Formas**, enquanto o conhecimento sensível estaria em nossa realidade material.

O Mundo das Ideias ou das Formas (que deve ser escrito com letra maiúscula) seria a **realidade intelectual, verdadeira, eterna e imutável**, que pode ser acessada apenas por meio da capacidade racional do ser humano. Nessa instância, estariam as essências das coisas, os conceitos, as ideias fixas e imutáveis que descrevem essencialmente cada ser ou objeto existente. Já o **mundo sensível** seria a **realidade com a qual nos defrontamos em nosso mundo prático, que experimentamos**. Essa realidade sensível é ilusória e enganadora, pois, para usar um jargão popular no qual Platão inspirava-se: as aparências enganam.

O conhecimento ideal estaria, segundo o filósofo grego, no **Mundo das Ideais**, estância metafísica racional que só poderia ser alcançada por nosso intelecto. Hoje, utilizamos a expressão “amor platônico”, que se refere a um tipo de amor que nunca se concretiza, ou seja, é ideal.

Mito da caverna de Platão

No texto, Sócrates fala para Glauco imaginar a existência de uma caverna onde prisioneiros

vivessem desde a infância. Com as mãos amarradas em uma parede, eles podem avistar somente as sombras que são projetadas na parede situada à frente.

As sombras são ocasionadas por uma fogueira, em cima de um tapume, situada na parte traseira da parede em que os homens estão presos. Homens passam ante a fogueira, fazem gestos e passam objetos, formando sombras que, de maneira distorcida, são todo o conhecimento que os prisioneiros tinham do mundo. Aquela parede da caverna, aquelas sombras e os ecos dos sons que as pessoas de cima produziam era o mundo restrito dos prisioneiros.

Repentinamente, um dos prisioneiros foi liberto. Andando pela caverna, ele percebe que havia pessoas e uma fogueira projetando as sombras que ele julgava ser a totalidade do mundo. Ao encontrar a saída da caverna, ele tem um susto ao deparar-se com o mundo exterior. A luz solar ofusca a sua visão e ele sente-se desamparado, desconfortável, deslocado.

Aos poucos, sua visão acostuma-se com a luz e ele começa a perceber a infinidade do mundo e da natureza que existe fora da caverna. Ele percebe que aquelas sombras, que ele julgava ser a realidade, na verdade são cópias imperfeitas de uma pequena parcela da realidade.

O prisioneiro liberto poderia fazer duas coisas: retornar para a caverna e libertar os seus companheiros ou viver a sua liberdade. Uma possível consequência da primeira possibilidade seria os ataques que sofreria de seus companheiros, que o julgariam como louco, mas poderia ser uma atitude necessária, por ser a coisa mais justa a se fazer.

Platão está dispondo, hierarquicamente, os graus de conhecimento com essa metáfora e falando que existe um modo de conhecer, de saber, que é o

| | |
|--|--|
| | mais adequado para se pensar em um governante capaz de fazer política com sabedoria e justiça. |
|--|--|

Modelo Plano de Aula – Ciências Humanas - Licenciatura

| Dados da Unipampa | |
|----------------------------|--|
| Discente | Rafael dos Santos Martins |
| Orientador (a) | Muriel Pinto |
| Dados da Escola | |
| Escola | Escola Estadual Tecnica Olavo Bilac |
| Série/ano | 1º ano do ensino médio |
| Regente | Rafael dos Santos Martins |
| Horário da aula | 09:50/10:40 |
| Dados da Aula/BNCC | |
| Competência(s) geral (ais) | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. - Participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto |

| | |
|--|--|
| | de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. |
| Competência(s) das Ciências Humanas ou Componente curricular | <p>- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.</p> <p>- Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.</p> |
| Habilidade(s) | Fomentar a imaginação e o pensamento crítico dos alunos |
| Objetos do Conhecimento (conteúdos) | Despertar curiosidade sobre a construção do saber científico durante a história e como ele se fez |
| Objetivos (cognitivos, comunicacionais e socioemocionais) | Objetivo 1 Entender como se pensa a filosofia partindo dos filósofos mais antigos |
| | Objetivo 2 Relacionar teorias antigas com as atuais promovendo um pensamento crítico que leva a esta construção. |
| | Objetivo 3 |

| | |
|---|--|
| <p>Justificativa - Apresente a justificativa de sua aula, buscando evidenciar a relevância de serem abordados os temas e conteúdos selecionados. Indique também o contexto geral no qual a aula está inserida. Você pode localizá-la em uma temática mais ampla e/ou indicar em que momento ela poderia ser inserida.</p> | <p>Essa aula se justifica por mostrar como a filosofia com o passar do tempo foi um instrumento importante para o pensamento crítico e a construção do saber.</p> |
| <p>Tempo da aula em períodos e horas.</p> | <p>50 minutos (um período)</p> |
| <p>Dados da aula</p> | |
| <p>Introdução - Como você abrirá a aula despertando a curiosidade de seus alunos?</p> | <p>No primeiro momento o professor estagiário irá fazer uma breve revisão sobre o conteúdo passado na última aula sobre Platão. 10 minutos</p> |
| <p>Desenvolvimento -</p> <p>a)Qual será a sequência de atividades que você propõe para a construção do conhecimento sobre o tema?</p> <p>b)Que estratégias pedagógicas você utilizará para desenvolver as atividades?</p> | <p>No segundo momento será entregue um texto no impresso para os alunos (anexo I) com o conteúdo e então será feita uma leitura em conjunto seguido de uma explicação sobre o mesmo. 30 minutos</p> <p>No terceiro momento o professor irá fazer uma explicação sobre a importância de Aristoteles para o conhecimento filosófico e científico. 10 minutos</p> |

| | |
|--|---|
| <p>c) Como poderá promover reflexão e conexão com outros conhecimentos?</p> | |
| <p>Recursos – quais recursos serão usados? Livro didático? Exposição por projeção? Vídeos?...</p> | <p>Texto impresso, lousa.</p> |
| <p>Fechamento -Como você concluirá a atividade? Como poderá promover a reflexão?</p> | <p>A reflexão será dada na atividade e em sua explicação para que o aluno reflita sobre a contribuição de Aristoteles na construção do conhecimento e sua metafísica.</p> |
| <p>Avaliação: como você irá observar o processo de aprendizado?</p> | <p>A avaliação será feita pela leitura proposta pelo professor e participação em aula.</p> |
| <p>Referências Bibliográficas</p> | <p>https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/aristoteles.htm</p> <p>https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/metafisica-aristoteles.htm</p> |

Lista de anexos – slides, material impresso, jogos..

Anexo I:

Quem foi Aristóteles?

Aristóteles nasceu na cidade de Estagira, na Macedônia, em 384 a.C. Foi um dos três grandes filósofos da Grécia Antiga, tendo convivido e estudado com Platão. Sabe-se que, em sua juventude, teve uma sólida formação em ciências, o que influenciou bastante a sua produção filosófica. Ainda jovem, o filósofo foi para Atenas, onde conheceu o seu mestre Platão e foi estudar na Academia — centro de estudos e discussões sobre Filosofia e Política fundado pelo professor de Aristóteles nos arredores de Atenas. Na medida em que estudava tais temas, Aristóteles formulava as suas próprias teorias, o que o levou a um afastamento intelectual das ideias platônicas e marcou uma cisão muito grande dele com o seu mestre, representada na valorização do conhecimento empírico.

Sistematização: Antes de Aristóteles, os estudos de Filosofia compreendiam uma mistura de Astronomia, Física, Matemática, Cosmologia, Política, Ética, Estética, Retórica, entre outras áreas do conhecimento. O filósofo foi o primeiro a classificar e a sistematizar essas áreas, desenvolvendo estudos específicos sobre cada tema.

Política e ética: Aristóteles foi um defensor do sistema político democrático pelo qual Atenas já havia passado, tendo escrito um livro sobre isso. Também escreveu tratados de Ética, em que afirmava a necessidade da busca de uma moderação das ações humanas baseada na prudência, para que a vida em sociedade levasse os cidadãos à felicidade.

Empirismo: Sendo o primeiro filósofo a fundamentar a necessidade do conhecimento prático advindo da observação e da atenção aos sentidos do corpo, Aristóteles deixou em seu legado intelectual o conhecimento empírico, que mais tarde ressoaria na Filosofia Escolástica e na Filosofia Moderna, chamando a atenção dos pensadores para o entendimento dos efeitos do mundo com base em suas causas. Isso representou um afastamento do modelo de conhecimento platônico,

baseado na busca intelectual pela Ideia, que seria pura, eterna e imutável. Platão considerava que o conhecimento advindo dos sentidos seria imperfeito e enganador. Na pintura apresentada abaixo, o pintor renascentista Rafael Sânzio mostra essa discordância entre os dois pensadores ao compor a cena com Platão apontando para cima, como quem aponta para o Mundo das Ideias, e Aristóteles com a mão espalmada para o chão, como quem defende que o conhecimento está aqui, no mundo material.

Teoria das quatro causas

A teoria das quatro causas baseia-se no princípio de causa e efeito, sendo, na verdade, o primeiro registro histórico desse princípio metafísico e lógico, que também pode ser chamado de princípio da causalidade. Segundo o princípio da causalidade, para tudo o que acontece no mundo (efeito), existe um evento anterior que teria dado origem a ele (causa), com exceção do que Aristóteles chamou de “causa não causada”, que abordaremos a seguir.

Segundo a Metafísica aristotélica, existem quatro causas fundamentais que explicam a origem de tudo o que conhecemos no mundo. São elas:

Causa material: diz respeito à matéria da qual algo é feito, como o mármore em uma estátua de mármore, ou a madeira, em uma cadeira de madeira.

Causa formal: é a forma que um determinado objeto ou ser possui. Essa causa também é, de certo modo, a sua definição conceitual, visto que uma cadeira deve possuir a forma de cadeira, e uma estátua de mármore representando um deus grego, como Dionísio, deve ter a forma daquele personagem.

Causa final: como o próprio nome diz, essa causa diz respeito à finalidade ou à razão de existir de um determinado ser ou objeto. Pegando o exemplo da cadeira, a sua causa final é servir como assento.

Causa eficiente: seria aquilo que deu origem a um determinado ser ou objeto, ou seja, a sua causa

primeira. No caso da estátua de Dionísio, a causa eficiente seria o escultor. No caso da famosa tela Monalisa, a sua causa eficiente seria o pintor Leonardo da Vinci.

Primeiro motor imóvel:

A noção de primeiro motor imóvel, ou, simplesmente, motor imóvel, é, em suma, a causa não causada da qual falamos no tópico anterior. Aristóteles, pensando no princípio de causalidade e na experiência prática que nos faz entender que tudo o que acontece tem um início, opera uma regressão de pensamentos e constata que, se entendermos que para tudo no mundo existe uma causa anterior, deve haver um momento inicial onde não haveria mais causas anteriores ou, caso contrário, cairíamos em uma espécie de loop infinito. Esse momento inicial, que causa movimento, mas não é movimentado por alguém, é o primeiro motor imóvel, ou aquilo que dá impulso, mas não é impulsionado.